

ANÁLISE DOS RESULTADOS GLOBAIS E PARCIAIS OBTIDOS  
NOS TESTES ABC RELACIONANDO OS EFEITOS DA  
PRÉ-ESCOLARIDADE DO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO  
E DA INTERAÇÃO ENTRE AMBOS  
SOBRE A PRONTIDÃO PARA LEITURA E ESCRITA

por

Maria Inês Hamann Peixoto

Dissertação Apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Paraná  
Como Requisito Parcial à Obtenção do  
Título de Mestre

Orientador: Dr. Karl Michael Lorenz

Setembro, 1980

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Karl Michael Lorenz, pela confiança, incentivo e disponibilidade constante como orientador, a quem muito devo na concretização deste estudo.

Ao Dr. Ivan de Azevedo Gubert, Diretor Administrativo da Fundação Educacional do Estado do Paraná - FUNDEPAR -, pela publicação deste trabalho.

Ao Departamento de Ensino de 1º Grau, na pessoa da professora Maria José Dias, Coordenadora do Prê-Escolar, pela atenção dispensada.

Aos amigos que me deram apoio ou que de algum modo me auxiliaram, em especial Maria Eneida F. Holzmann, pela solicitude, absoluta disponibilidade e alento nas horas difíceis, durante a consecução da pesquisa.

Aos professores e colegas do Curso de Mestrado, pelo apoio e orientação.

Aos meus pais, pelo incentivo e interesse e, de modo especial ao meu marido, pela paciência, carinho, atenção e estímulo contínuos que sustentaram nos momentos de esmorecimento.

## R E S U M O

A pesquisa tem por objetivo: (1) Verificar a influência das variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico (NSE), como também a interação entre ambas, sobre os escores de prontidão medidos pelos Testes ABC, na sua totalidade e em cada um dos oito testes que o compõem; (2) Verificar a intensidade com que as atividades relacionadas com a prontidão para leitura e escrita são realizadas nas classes de pré-escolar; (3) Verificar a intensidade com que atividades ligadas à prontidão para leitura e escrita são realizadas em casa, pelos sujeitos da pesquisa. A amostra, selecionada aleatoriamente, constituiu-se<sup>de</sup> 72 sujeitos, sendo 36 de NSE alto e 36 de NSE baixo, matriculados na 1ª série do 1º Grau em 8 escolas da Rede Estadual de Ensino, dentro do Município de Curitiba. O tratamento estatístico utilizado foi a análise de variância para esquemas fatoriais 2x2. Os principais resultados encontrados foram: (a) A pré-escolaridade influi significativamente nos índices de prontidão; (b) O NSE afeta significativamente os índices de prontidão; (c) Não existe interação significativa entre as variáveis pré-escolaridade e NSE com relação aos índices de prontidão; (d) A pré-escolaridade não afeta significativamente os índices de prontidão dos sujeitos de NSE alto, mas afeta significativamente os índices de prontidão dos sujeitos de NSE baixo; (e) Os fatores relacionados com os testes 1 e 7 dos Testes ABC são os que diferenciam significativamente os sujeitos com e sem pré-escolaridade; (f) Os fatores relacionados com os testes 3 e 8 dos Testes ABC são os que diferenciam significativamente os sujeitos de NSE alto e de NSE baixo.

## ÍNDICE

	Página
LISTA DE ANEXOS .....	v
LISTA DE FIGURAS .....	vi
LISTA DE QUADROS .....	vii
LISTA DE TABELAS .....	viii
RESUMO .....	iii
Capítulo	
I. REVISÃO DE LITERATURA .....	1
II. PROBLEMA .....	13
Situação do Problema .....	13
Objetivos .....	14
Hipóteses da Pesquisa .....	14
Importância do Estudo .....	14
Definição de Termos .....	15
Amplitude da Pesquisa .....	16
Limitações da Pesquisa .....	16
III. METODOLOGIA .....	18
Planejamento da Pesquisa .....	18
Variáveis .....	18
Hipóteses Estatísticas .....	18
Amostragem .....	23
Instrumentos .....	29
Coleta de Dados .....	40
Tratamento Estatístico .....	41
IV. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....	42
Dados Descritivos .....	42
Resultados do Tratamento Estatístico .....	53
V. ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES .....	74
VI. IMPLICAÇÕES DA PESQUISA E RECOMENDAÇÕES .....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	92
ANEXOS .....	97

## LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Instrumentos .....	97
2. Dados Descritivos dos Pais dos Sujeitos .....	108

## LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1. Número de sujeitos que apresentaram prontidão para alfabetização em um ano letivo .....	77

## LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1. Descrição do total de bairros segundo a faixa de S.M.R. estabelecida no Projeto Cura (IPPUC,1979)..	24
2. Descrição das escolas segundo o nível sócio-econômico dos bairros em que estão situadas .....	25
3. Descrição do total de sujeitos selecionados e sorteados para a amostra .....	27
4. Descrição do total de pais convocados e que responderam ao Questionário .....	28
5. Fatores básicos de maturidade para aprendizagem da leitura e escrita e sua relação com cada um dos 8 testes dos Testes ABC. (Lourenço Filho, 1974)...	31
6. Descrição dos 8 testes que compõem os Testes ABC e o número das questões correspondentes do Questionário I .....	36
7. Descrição dos 8 testes que compõem os Testes ABC e o número das questões correspondentes do Questionário II .....	38
8. Descrição dos escores e postos alcançados em cada uma das 29 questões do Questionário I e a relação com os 8 testes dos Testes ABC, segundo o NSE dos pais .....	50
9. Descrição dos escores e postos alcançados em cada uma das questões do Questionário II, segundo o NSE do bairro em que se situa a escola .....	52

## LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. Distribuição dos sujeitos segundo idade, nível sócio-econômico e pré-escolaridade .....	43
2. Médias dos escores obtidos nos Testes ABC segundo o nível sócio-econômico e a pré-escolaridade .....	44
3. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos nos Testes ABC .....	54
4. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 1º teste dos Testes ABC .....	55
5. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 2º teste dos Testes ABC .....	57
6. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 3º teste dos Testes ABC .....	58
7. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 4º teste dos Testes ABC .....	60
8. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 5º teste dos Testes ABC .....	61
9. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 6º teste dos Testes ABC .....	63
10. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 7º teste dos Testes ABC .....	64
11. Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 8º teste dos Testes ABC .....	66
12. Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos no Questionário I pelos pais dos sujeitos	68
13. Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos no Questionário I, pelos pais dos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, nas questões relativas a cada um dos 8 testes dos Testes ABC .....	70
14. Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos no Questionário I, pelos pais dos sujeitos de nível sócio-econômico alto e baixo, nas questões relativas a cada um dos 8 testes dos Testes ABC..	72

Tabela	Página
15. Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos nos Testes ABC .....	75
16. Percentagens dos escores obtidos nos Testes ABC, segundo o grau de facilidade para a aprendizagem da leitura e escrita .....	76
17. Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos nos testes 1, 3, 7 e 8, dos Testes ABC .....	81
18. Resultados do teste t de Student aplicado aos escores obtidos pelas professoras no Questionário II.....	88

## CAPÍTULO I

### REVISÃO DE LITERATURA

#### Introdução

Nos últimos anos a educação pré-escolar vem sendo motivo de inúmeros estudos. O principal objetivo da maioria destes estudos tem sido evidenciar a situação de milhões de crianças, na faixa de 0 a 6 anos, que não têm acesso a nenhuma forma de atendimento, no período que antecede o ingresso na escola de 1º Grau. Tem sido demonstrada a importância da pré-escolaridade para um sem número destes menores que, pelas condições precárias de saúde e estimulação, se apresentam em condições deficitárias para enfrentar as exigências da escolaridade formal. O motivo do surgimento de uma série de estudos no campo do pré-escolar é a necessidade de se conhecer, na situação brasileira, as reais condições desses menores, como também de avaliar a influência que a pré-escolaridade tem sobre o desenvolvimento da criança. Tais estudos foram objeto desta revisão de literatura, a qual abrangeu pesquisas empíricas na área do pré-escolar, realizadas no Brasil. O capítulo foi subdividido em duas partes: (1) estudos que relacionam pré-escolaridade com as variáveis rendimento escolar e/ou prontidão para a alfabetização, ou ainda pesquisas que relacionam prontidão e nível de inteligência de crianças que frequentam as primeiras séries do 1º Grau; (2) pesquisas que estabelecem relação entre o nível sócio-econômico e o rendimento escolar e/ou prontidão para alfabetização, realizados com crianças de 1ª. série do 1º Grau, ou pré-escolares.

## Primeira Parte

### Pré-escolaridade e Rendimento e/ou Prontidão

As diversas pesquisas publicadas na área do pré-escolar têm demonstrado, sem exceção, a influência positiva que este tipo de atendimento promove sobre o rendimento escolar da criança, como também sobre a prontidão para a alfabetização, quando se estabelece uma comparação entre o desempenho de crianças que frequentaram e que não frequentaram a pré-escola.

Dentre os autores que pesquisaram a relação entre pré-escolaridade e rendimento escolar encontra-se Marinho (1959) que, ao comparar percentagens de aprovação no 1º ano primário entre crianças com e sem Jardim de Infância do Rio de Janeiro e São Paulo, constatou a superioridade numérica das primeiras. Campos (1960), verificou a associação, estatisticamente significativa entre a frequência ao Jardim de Infância e a aprovação ao final da 1ª série, entre 307 crianças que haviam cursado esta série nas escolas primárias urbanas da cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, em 1959. Em outra pesquisa, realizada em Porto Alegre - RS -, Guazzelli (1979) aplicou provas psicológicas em uma amostra de 128 sujeitos com a idade variando de 4,9 a 6,8 anos, marginalizados e não marginalizados, com e sem atendimento pré-escolar. Constatou que as crianças marginalizadas que haviam recebido atendimento pré-escolar obtiveram os resultados que mais se aproximaram dos resultados alcançados por crianças de nível sócio-econômico médio, nestas mesmas provas. Em 1980, Brollo e Azevedo estudaram os conceitos obtidos em Leitura e Escrita, pelos alunos das 1ªs séries do 1º Grau de 16 escolas de Marília - SP -, e encontraram um número significativamente maior de conceitos "A" (o conceito mais alto) entre as crianças que frequentaram a pré-escola. Também Sá (1980), ao confrontar resultados de quatro provas de leitura e uma prova de rendimento escolar aplicadas a

crianças de 1a. e 2a. série do 1º Grau, encontrou diferença estatisticamente significativa a favor das crianças que frequentaram a pré-escola.

Todos estes estudos demonstram a importância dos efeitos que a pré-escolaridade exerce sobre o rendimento escolar. Por outro lado, outras pesquisas abordam, de forma mais específica, a relação entre o pré-escolar e a prontidão. Marinho (1959), em estudo já mencionado, comparou os resultados obtidos em 15.605 aplicações dos Testes ABC em São Paulo e 1.085 aplicações no Rio de Janeiro e, através da análise dos índices obtidos, concluiu da superioridade do nível de maturidade dos alunos que haviam frequentado o Jardim de Infância, quando comparado com aqueles que não o frequentaram. Poppovic (1964a) aplicou os testes Metropolitano e ABC a uma população de 136 crianças de nível sócio-econômico médio e médio superior, com e sem pré-escolaridade, matriculadas no 1º ano primário do Grupo Escolar Experimental Dr. Edmundo Carvalho, em São Paulo. Através dos dados colhidos encontrou uma diferença significativa favorável ao grupo de crianças com pré-escolaridade, o que permitiu à autora concluir que o pré-primário influi de modo eficiente na maturação necessária à alfabetização. Sá (1980) chegou a mesma conclusão pela aplicação do ABC, entre outros testes, em 407 alunos de três escolas situadas em três diferentes Estados brasileiros.

Em todas as pesquisas relatadas até agora, observa-se que não houve preocupação, por parte de nenhum dos pesquisadores, em analisar isoladamente os resultados de cada subteste que compõe os testes de prontidão empregados - ABC e Metropolitano -, cruzando-os com o variável nível sócio-econômico. O intuito seria verificar em quais áreas as crianças de nível sócio-econômico inferior estariam apresentando mais dificuldades. Como observou Pavão (1954), sobre os Testes ABC, a análise dos resultados como um todo poderá encobrir deficiências importantes apresentadas isoladamente nos subtestes. Por outro lado, não foi pesquisada uma possível interação entre as variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico, limitando-se

os autores a constatar as diferenças entre os grupos de diferentes níveis sócio-econômicos. Um outro ponto que merece atenção é que, com exceção de Campos (1960), o qual levantou dados sobre a variável "instrução em casa antes de ingressar na escola", não houve preocupação em se obter informações sobre atividades realizadas pela crianças, em casa, que pudessem interferir mais diretamente no desempenho apresentado nos testes de prontidão. Por outro lado poder-se-ia inquirir sobre os tipos de atividades programadas nas classes de pré-escolar, com o intuito de buscar uma possível relação entre estas atividades e os escores obtidos nos testes de prontidão, por crianças que tenham frequentado tais classes.

### Prontidão e inteligência

As pesquisas anteriormente descritas evidenciam o papel da pré-escolaridade sobre a prontidão. Uma outra relação importante já pesquisada é aquela entre prontidão para leitura e escrita e o nível de inteligência. Dentre elas está a de Poppovic (1965), que, num estudo realizado sobre o Teste Metropolitano da Prontidão, aplicou concomitantemente este teste e o das Matrizes progressivas de Raven a uma amostra de 82 crianças, concluintes de pré-primário, com idade média de 6,10 anos. Encontrou entre os resultados uma correlação de +0,59 que demonstrou não se poder desprezar o papel da inteligência no estudo de prontidão. Resultado semelhante obtve Pavão (1976) em estudo realizado com 110 crianças de 1ª série do 1º Grau provenientes de escolas públicas e particulares de Curitiba. Foram utilizados os testes Metropolitano e o Teste da Figura Humana de Goodenough. cujos resultados apresentaram uma correlação positiva significativa tanto para os sujeitos do sexo masculino quanto para os do sexo feminino, significando que a inteligência influi no índice de prontidão. Poppovic (1971), no entanto, em um estudo mais exaustivo sobre este tema, durante um ano trabalhou com dois grupos de 24 crianças cada, sendo 8 de inteligência superior, 8 de inteligência média e 8 de inteligên

cia inferior. Os grupos eram, portanto, equivalentes quanto ao nível intelectual, como também quanto ao sexo e à idade. Diferiam apenas, no índice de prontidão obtido no Teste Metropolitano, isto é, o grupo experimental apresentava um índice insuficiente de prontidão e o grupo de controle apresentava índice adequado. Os resultados foram significativos em favor das crianças do grupo que apresentava índice de prontidão adequado, correndo, inclusive, que crianças deste grupo, com inteligência inferior, apresentaram resultados iguais aos de inteligência superior, do grupo com insuficiência de prontidão. Após a aplicação do teste, no decorrer do ano letivo, foram feitas 3 avaliações (junho, setembro e novembro). Verificou-se, então, que somente a variável maturidade mostrou significância, sem que se constataste interação entre esta variável e a inteligência. A autora estabeleceu, desta forma, que a inteligência não afeta significativamente o rendimento na alfabetização.

Como se pode observar nos resultados destas três pesquisas, a correlação entre prontidão e inteligência em alguns casos tem se apresentado positiva e em outros inexistente. Dessa forma não fica claro se existe ou não uma relação entre as duas variáveis. No entanto, Lourenço Filho (1974), verificando a literatura, cita os trabalhos de Pena, Alves e Braga que indicaram não haver correlação entre prontidão e inteligência. Os estudos foram os seguintes: J. B. Damasco Pena, estudando o resultado obtido por 123 crianças nos Testes ABC e comparando-os com a idade mental em meses, medida pelos testes Binet - Simon, encontrou uma correlação de 0,17 entre ambos. Em outra pesquisa, com 1.838 alunos de escolas do Rio de Janeiro, I. Alves obteve uma correlação de 0,35 entre os índices de prontidão e os resultados do teste de inteligência para analfabetos, de Pintner - Cunningham. Uma terceira pesquisa chegou aos mesmos resultados: M. Braga, utilizando os resultados dos Testes ABC e dos testes de Goodenough encontrou uma correlação de 0,15. Os resultados destes estudos não apóiam a afirmação da existência de uma relação entre inteligência e

prontidão, corroborando a conclusão de Poppovic (1971). Desta forma, embora em alguns estudos mais recentes se tenha evidenciado uma relação entre prontidão e inteligência, parece que, de um modo geral, a inteligência não se constitui um fator importante no estudo da prontidão.

## Segunda Parte

### Nível Sócio-econômico e Rendimento Escolar e/ou Prontidão

As diversas pesquisas publicadas que tomam a variável nível sócio-econômico (NSE) como o único, ou um dentre outros fatores importantes a serem considerados (Campos, 1960; Ferrari, 1973; Poppovic et alii, 1975; Guazzelli, 1979), têm evidenciado o papel essencial que este exerce sobre o rendimento escolar e a prontidão. Cabe aqui ressaltar que:

o conceito "nível sócio-econômico" (N.S.E.) não pode ser considerado apenas como uma variável unitária (...) essa designação em - globalmente um complexo de fatores que refletem estilo de vida, sistema de valores e variáveis de interação, que exercem grande influência em muitos aspectos do desenvolvimento mental. (Poppovic et alii, 1975. p.17).

Por este motivo, em muitas pesquisas, as variáveis familiares têm demonstrado uma influência muito mais persistente no rendimento escolar do que os fatores escolares. É o caso, por exemplo, do nível de escolaridade dos pais, em alguns estudos considerado como o fator representativo de NSE, e, em outros, como um dentre vários outros indicadores. Diversas pesquisas apontaram o grau de instrução dos pais como a variável de influência mais acentuada sobre o rendimento escolar.

A maioria dos autores indentificou o NSE como fator essencial em qualquer discussão sobre o desempenho escolar, embora diverjam no que diz respeito aos indicadores do NSE. Campos (1960), caracterizou o NSE através do "Índice de conforto doméstico", que resulta de uma escala organizada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Esta escala encontrava-se em fase de experimentação na época da pesquisa de Campos, e envolve uma série de questões a respeito da moradia incluindo a existência de eletrodomésticos, empregados, etc. Resultados das aplicações demonstram uma

correlação quase perfeita entre este índice e a renda familiar ou as categorias ocupacionais dos membros ativos da família. Utilizando-se deste índice, Campos estabeleceu a correlação entre NSE e o índice de aprovação escolar nas escolas primárias da cidade de Leopoldina - MG -, verificando uma tendência de crescimento da nota final na mesma medida da ascensão do "índice de conforto doméstico", ou seja, do NSE. A resultado semelhante chegou Ferrari (1973), num estudo em que relacionou a qualificação do professor e o rendimento escolar, tomando como indicador do NSE a variável escolaridade dos pais, identificada por 4 níveis: 'nível 1 - ambos alfabetizados, pelo menos um dos quais com ginásio ou mais; nível 2 - ambos alfabetizados, com curso primário (completo ou incompleto); nível 3 - um alfabetizado, outro analfabeto; nível 4 - ambos analfabetos' (Ferrari, 1973. p.92). Através da comparação da taxa de aprovação na 1ª série, sobre 5.221 alunos de cinco cidades do Vale do Rio dos Sinos, observou uma variação de 35,5% entre a percentagem de crianças que foram identificados como pertencentes ao primeiro nível de NSE e as crianças do quarto nível de NSE. O autor concluiu daí que, quanto mais baixo o nível de escolaridade (ou o NSE) dos pais, mais baixa será a percentagem de aprovação dos filhos. Duas outras pesquisas apóiam a de Ferrari: Lindgren e Guedes (1965) realizaram um estudo com uma amostra de 116 estudantes de escolas primárias e secundárias de São Paulo. A partir da definição do NSE pelo nível educacional dos pais, estabeleceram correlação positiva entre "status" social, inteligência e rendimento educacional. Resultado idêntico constatou Guazzelli (1979) em estudo já mencionado anteriormente. Utilizando, como indicador do NSE, o instrumento de Poppovic (1975) que se constitui num inventário sócio-cultural, Guazzelli concluiu que o nível de escolaridade dos pais tem influência no desempenho intelectual dos filhos; constatou igualmente que crianças de NSE baixo apresentam um desenvolvimento psicológico menor que as de NSE médio, independentemente de terem ou não recebido atendimento pré-escolar. Dentre as crianças de NSE baixo, de um modo geral o desenvolvimento

cognitivo apresenta-se deficitário, especialmente no que diz respeito às bases para a alfabetização, ficando atestada incapacidade de raciocínio e retardo no desenvolvimento da capacidade simbólica, além de desempenho fraco no ítem relativo à "atividade sensorial e sensitiva". Este conjunto de dados, diretamente ligados ao NSE, demonstra a impossibilidade, para a criança deste nível, de apresentar um rendimento adequado na escolaridade formal.

Outro estudo que também obtivera resultados semelhantes, foi o de Popovic, Espósito e Campos (1975). A pesquisa se constituiu numa caracterização das crianças de 4 a 6 anos que frequentavam os Parques Infantis da cidade de São Paulo, e teve por finalidade fornecer subsídios para a organização de um currículo de intervenção destinado a fazer baixar os índices de repetência nos primeiros anos do 1º Grau. Os autores trabalharam com uma amostra aleatória de 180 crianças, sendo 90 de NSE baixo e 90 de NSE médio. O critério inicial para o estabelecimento do NSE foi a renda dos pais das crianças que frequentavam os Parques Infantis, e a faixa de anuidade escolar para os pais das crianças matriculadas em escolas particulares. A nota total do instrumento cognitivo evidenciou uma defasagem de dois anos das crianças de NSE baixo em relação à de NSE médio, isto é, aquela só alcança aos 6 anos o desenvolvimento atingido por esta aos 4 anos de idade. Constatou-se igualmente que as deficiências se tornam cumulativas, ou seja, com o passar dos anos as diferenças vão se acentuando. Dessa forma fica evidenciada a causa do baixo rendimento de grande parte da clientela do 1º Grau com suas consequências imediatas: os altos índices de repetência e a evasão nas séries iniciais. Outra pesquisa (Xavier, 1977), identificando o NSE pelo nível de escolaridade e profissão dos pais, concluiu que alunos de NSE baixo apresentaram rendimento baixo em Português e Matemática, rendimento este sensivelmente inferior ao observado em grupos paralelos de NSE alto.

Finalmente Lacerda (1980), em recente estudo comparativo sobre o rendimento e atraso escolar que envolveu dados de quatro países latino-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil e Peru, verificou que as variáveis ligadas à família promovem um impacto mais persistente sobre o êxito escolar do que as variáveis escolares. Observou, desta forma, uma associação nítida entre o NSE da família e o rendimento escolar. Das variáveis ligadas à família, o nível educacional dos pais parece ser a que mais força exerce sobre a educabilidade das crianças pois, à medida que aquele aumenta, aumentam, na mesma proporção, os resultados escolares dos filhos.

Os resultados destes cinco estudos aqui relatados, sugerem a necessidade de se exercer controle cuidadoso da variável NSE, quando se trata de averiguar qualquer fator associado ao rendimento escolar, especialmente o nível de escolaridade dos pais. Se, porém, a variável NSE é caracterizada através de um conjunto de indicadores tais como nível de moradia, condições de saúde e alimentação, profissão do pai, nível de escolaridade, renda per capita e outros, observa-se igualmente que todos estes indicadores se apresentam associados ao indicador renda familiar bruta, visto que este delimita a possibilidade de acesso aos bens culturais, aos serviços de saúde, a uma alimentação mais adequada, à melhoria no nível de moradia, etc. Como na pesquisa citada anteriormente, Campos (1960) havia verificado uma correlação "quase perfeita" entre o "Índice de conforto doméstico", através do qual identificou o NSE em sua pesquisa, e a renda da família. Também Xavier (1977) encontrou uma correlação positiva significativa entre as variáveis renda familiar e NSE que, nesta pesquisa, foi indentificado pelo nível de escolaridade e a profissão do pai. Da mesma forma Poppovic, Espósito e Campos (1975) partiram da análise da renda familiar e tomaram-na como um pressuposto para a atribuição do NSE baixo para as crianças que frequentavam os Parques Infantis da cidade de São Paulo. No desenvolvimento da pesquisa tiveram sua suposição sobre o NSE confirmada através de um extenso levantamento das condições de vida das famílias, in-

cluindo ocupação, nível de escolaridade dos pais, recursos materiais e culturais disponíveis e outras tantas informações. As relações entre renda e NSE encontradas indicam a possibilidade do uso da renda familiar como ponto de partida para a identificação do NSE em um estudo, desde que limitações impostas ao pesquisador não permitam um levantamento prévio, sobre toda uma população, de tão numerosos indicadores. Parece válido, portanto que se parta, como no estudo de Poppovic, (1975), da renda familiar bruta para se determinar o NSE dos possíveis sujeitos de uma amostra. No entanto, é imprescindível, para efeito de maior precisão na pesquisa que, no decorrer do estudo se busque confirmar, através de outros indicadores, as condições sócio-econômicas que foram previamente estabelecidas com base na renda familiar, para os sujeitos participantes da pesquisa.

Como se observou até aqui diversas pesquisas estudaram a relação entre NSE e rendimento escolar. Duas delas, as de Poppovic e outros (1975) e Guazzelli (1979), além desta relação, se propuseram pesquisar a relação entre NSE e prontidão para leitura e escrita. A primeira, de Poppovic, Espósito e Campos (1975), cujas linhas gerais já foram descritas nesta revisão, mediu a capacidade geral de realização em diversas áreas ligadas à alfabetização, entre elas: Linguagem, Bases para a Leitura, Funções Psiconeurológicas, Operações Cognitivas e Bases para Matemática. Por serem estas áreas consideradas de importância fundamental para a alfabetização, os baixos índices auferidos pelas crianças de NSE baixo demonstraram sua incapacidade para acompanhar o processo de aprendizagem da leitura e escrita, encontrando-se, já de início, em desvantagem com relação às crianças de NSE médio. Além disto, os índices médios, sensivelmente mais baixos nas "Funções Psiconeurológicas" (NSE baixo = 28,25 pontos; NSE médio = 55,25) e nas Operações Cognitivas (NSE baixo = 26,96. NSE médio = 52,30), comprovam uma imaturidade global ou específica como também uma dificuldade na capacidade de raciocinar. Pode-se inferir destes resultados a impossibilidade de uma ação a curto prazo para elevar os índices nestas

áreas, no que diz respeito às crianças de NSE baixo, pois trata-se de funções que dependem de um desenvolvimento a longo prazo, em etapas e em seqüência determinada. Além disto, tal desenvolvimento supõe a existência de uma base de experiência e de estimulação adequada, suposição irreal em se tratando de crianças de NSE baixo, dadas as condições de vida precárias a que estão sujeitas.

Outro estudo que estabeleceu relação entre NSE e prontidão é o de Guazzelli (1979), já descrito, de um modo amplo, nesta revisão. Com respeito à prontidão, a autora testou os sujeitos considerados marginalizados no que tange às bases para alfabetização (conforme as variáveis cognitivas de Poppovic et alii, 1975), e concluiu da incapacidade de raciocínio e retardo no desenvolvimento da capacidade simbólica. Foi igualmente constatado que o NSE-cultural é fator importante do ponto de vista neurológico, visto que as crianças marginalizadas, sem atendimento pré-escolar, apresentam um índice sensivelmente mais elevado de disfunção nesta área, ou seja, 75,0% dentre as 64 crianças marginalizadas contra 59,4% dentre as 64 crianças não marginalizadas igualmente sem atendimento. Diferença ainda mais elevada apresentou-se na área de "atividades sensoriais e sensitivas", nos dois grupos de crianças sem atendimento pré-escolar: apenas 18,8% das 64 crianças marginalizadas saíram-se bem neste teste, contra 53,1% dentre as 64 não marginalizadas. Sabe-se da influência direta das condições neurológicas e da "atividade sensorial e sensitiva" na capacidade geral para alfabetização. Desta forma, observando-se as marcantes diferenças entre os diferentes NSE apresentadas acima, fica evidenciado o papel que esta variável desempenha no que se refere à prontidão para leitura e escrita.

Todas as observações feitas até aqui parecem evidenciar que, em qualquer pesquisa sobre desempenho escolar, há necessidade de se estabelecer controle, da melhor maneira possível, sobre o NSE da amostra ou população a ser estudada.

Além das considerações já feitas, outros aspectos que parecem importantes não foram considerados nos estudos revisados, especialmente nos que versam sobre o pré-escolaridade e prontidão. Observa-se, por exemplo, que não foi feito um relacionamento estatístico entre a variável NSE e os escores obtidos em cada um dos testes que compõem os testes de prontidão. Uma pesquisa com esse objetivo poderia dar subsídios valiosos sobre as principais deficiências, apresentadas pelas crianças de NSE baixo. É bem verdade que Guazzelli (1979) e Poppovic (1975) relataram importantes resultados sobre o cruzamento de variáveis específicas do que ambos denominam "Bases para Alfabetização". No entanto, parece interessantes que se estabeleça, com base nas provas de algum teste de prontidão específico, quais os pontos fracos apresentados pelos grupos de NSE baixo, com relação à aprendizagem da leitura e escrita. A vantagem é de ordem prática, no sentido de propiciar à professora de pré-escolar o conhecimento para programar, de modo mais intensivo, atividades para auxiliar no desenvolvimento de habilidades deficitárias, antes da criança de NSE baixo se defrontar com dificuldades maiores, após o ingresso na 1ª série do 1º Grau.

## CAPÍTULO II

### PROBLEMA

#### Situação do Problema

Um dos objetivos das classes de pré-escolar, que atendem crianças na faixa de 6 a 7 anos incompletos, é estabelecer para sua clientela as condições necessárias para o alcance da prontidão para a leitura e escrita. Com base nesta afirmação pode-se perguntar até que ponto a pré-escolaridade auxilia o aluno no alcance da prontidão para leitura e escrita. Ou ainda, levando-se em consideração a condição sócio-econômica, pode-se igualmente indagar se o efeito da pré-escolaridade está na dependência do nível sócio-econômico da clientela.

Para se pesquisar este problema, partiu-se do levantamento de algumas questões:

A pré-escolaridade afeta o índice de prontidão para a leitura e escrita?

Até que ponto o nível sócio-econômico afeta o índice de prontidão?

Até que ponto a pré-escolaridade, combinada ao nível sócio-econômico influi nos índices de prontidão?

Qual a frequência com que as atividades preparatórias para a prontidão são realizadas nas classes de pré-escolar?

Até que ponto as atividades realizadas em casa, pelas crianças de nível sócio-econômico alto e baixo, se constituem em fatores explicativos dos índices de prontidão?

## Objetivos

1. Verificar o efeito do nível sócio-econômico, da pré-escolaridade e de ambos esses fatores combinados, sobre o índice de prontidão para leitura e escrita.
2. Verificar a frequência com que as atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e da escrita são realizadas em casa e nas classes de pré-escolar.

## Hipóteses da Pesquisa

1. A pré-escolaridade influi no índice de prontidão para a leitura e escrita obtido pelas crianças no início da 1ª série do 1º Grau.
2. O nível sócio-econômico influi no índice de prontidão para a leitura e escrita obtido pelas crianças no início da 1ª série do 1º Grau.
3. A pré-escolaridade influi no índice de prontidão para leitura e escrita obtido pelas crianças no início da 1ª série do 1º Grau, dependendo do nível sócio-econômico das crianças.
4. A pré-escolaridade influi nas atividades relacionadas com a prontidão para a leitura e escrita, realizadas em casa, pelas crianças.
5. O nível sócio-econômico influi nas atividades relacionadas com a prontidão para a leitura e escrita, realizadas em casa, pelas crianças.

## Importância do Estudo

A alfabetização de crianças emerge hoje na literatura educacional como uma problemática que está a exigir maior volume de pesquisas, especialmente pelas altas percentagens de evasão e repetência verificadas nas séries iniciais do 1º Gr. A revisão de literatura na área permitiu identi

car aspectos complementares e importantes que não foram ainda explorados em estudos anteriores, tais como: (1) verificação da possível interação entre as variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico; (2) análise por itens dos Testes ABC cruzando os aspectos enfocados em cada item com as variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico. O presente estudo visa levantar estes dados, que se revestem de importância pelo fato de que permitirão verificar quais as deficiências mais acentuadas, apresentadas pelas crianças de nível sócio-econômico alto e baixo, com respeito à prontidão necessária para a alfabetização; (3) levantamento de dados relativos à intensidade das atividades realizadas em casa que podem ser relacionadas com prontidão para leitura e escrita. A importância de se conhecer estes elementos é de que talvez sirvam de auxílio para uma política de ação da escola junto à comunidade.

A importância do estudo também resulta do fato de que este se constituirá numa das primeiras pesquisas sobre o pré-escolar das escolas da Rede Estadual de Ensino, do Estado do Paraná, dentro do Município de Curitiba. Os dados a serem levantados se revestirão de importância como fonte para realimentação do Currículo pré-escolar.

#### Definição de Termos

Pré-escolaridade - Neste trabalho o termo será empregado no sentido específico do atendimento propiciado pelo Jardim de Infância da Rede Estadual de Ensino, à criança cuja idade oscile entre 4 a 6 anos completos, conforme caracterização contida na Deliberação nº 020/78 do CEE do Estado do Paraná, capítulo III, art. 4º, letra c.

Nível sócio-econômico - Conforme mapeamento e caracterização dos bairros de Curitiba e arredores elaborada pelo IPPUC, com base na renda média familiar (Projeto Cura - Agosto/1979), estabeleceu o critério de três (3) a cinco (5) salários mínimos regionais como indicador de nível sócio-econômico baixo, e o de oito (8) a treze (13) salários mínimos regionais como

indicador de nível sócio-econômico alto.

Teste ABC - Série de 8 provas elaboradas por Lourenço Filho, que avaliam maturidade para o aprendizado da leitura e escrita, através da medida dos fatores: coordenação visual-motora; resistência à inversão na cópia de figuras; memorização visual; coordenação auditivo-motora; capacidade de prolação; resistência à ecolalia; memorização auditiva; índice de fatigabilidade; índice de atenção dirigida; vocabulário a compreensão geral.

Nível de Maturidade (N.M.) - Nível de maturidade (ou prontidão) para leitura e escrita obtido pela soma total dos pontos alcançados em cada teste dos Testes ABC.

Prontidão para leitura e escrita - Índice de maturidade para o aprendizado efetivo de leitura e escrita conforme é medido pelos Testes ABC.

### Amplitude da Pesquisa

O estudo abrangeu as escolas de 1º Grau da Rede Estadual de Ensino, situadas no Município de Curitiba.

### Limitações da Pesquisa

(1) Nesta pesquisa não foi controlado o tempo total de atendimento pré-escolar, no que diz respeito ao grupo de 36 sujeitos com pré-escolaridade.

(2) O sorteio da amostra baseou-se num único trabalho de categorização dos bairros de Curitiba, realizado e publicado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba-IPPUC-, que estabeleceu como critério a renda média familiar. Por esse motivo tal foi o critério utilizado no presente estudo para indicar o nível sócio-econômico dos sujeitos da amostra.

(3) A única fonte de informação inicial disponível sobre os possíveis sujeitos da pesquisa foi a ficha de matrícula da chamada escolar.

Pelo motivo de não constar aí uma informação sobre o número total de pessoas residentes na casa, não foi possível estabelecer o nível sócio - econômico com base na renda 'per capita' de cada família, procedimento este que parece ser mais adequado se comparado ao uso da renda familiar bruta.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA

#### Planejamento da pesquisa

#### Variáveis

Variáveis independentes: pré-escolaridade e nível sócio-econômico.

Variável dependente: prontidão para leitura e escrita.

#### Hipóteses Estatísticas

##### Hipóteses Alternativas

- $H_1$  Existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio-econômico.
- $H_{1.1}$  Existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos que não frequentaram classes de pré-escolar.
- $H_{1.2}$  Existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio - econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.
- $H_{1.3}$  Existe uma interação significativa entre o nível sócio- econômico e a pré-escolaridade, com relação aos índices de prontidão obtidos pelos sujeitos nos Testes ABC.
- $H_2$  Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio-econômico.

- H<sub>2.1</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.
- H<sub>2.2</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio - econômico baixo.
- H<sub>2.3</sub> Existe uma interação significativa entre o nível sócio - econômico e a pré-escolaridade, com relação aos escores obtidos pelos sujeitos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC.
- H<sub>3</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e da escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e pelos que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio-econômico.
- H<sub>3.1</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de nível sócio-econômico alto.
- H<sub>3.2</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de nível sócio-econômico baixo.
- H<sub>3.3</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo que frequentaram o pré-escolar.

- H<sub>3.4</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo que não frequentaram o pré-escolar.
- H<sub>4</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa relacionadas com cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.
- H<sub>5</sub> Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa relacionadas com cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

#### Hipóteses Nulas

- H<sub>0</sub><sub>1</sub> Não existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio - -econômico.
- H<sub>0</sub><sub>1.1</sub> Não existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos que não frequentaram classes de pré-escolar.
- H<sub>0</sub><sub>1.2</sub> Não existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.
- H<sub>0</sub><sub>1.3</sub> Não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar, com relação aos índices de prontidão obtidos pelos sujeitos nos Testes ABC.

- $H_{0_2}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio-econômico.
- $H_{0_{2.1}}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.
- $H_{0_{2.2}}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.
- $H_{0_{2.3}}$  Não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC.
- $H_{0_3}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentam e pelos que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio-econômico.
- $H_{0_{3.1}}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e da escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de nível sócio-econômico alto.
- $H_{0_{3.2}}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de nível sócio-econômico baixo.

- $H_{03.3}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo que frequentaram o pré-escolar.
- $H_{03.4}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo que não frequentaram o pré-escolar.
- $H_{04}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa, relacionadas com cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.
- $H_{05}$  Não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa relacionadas com cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

### Amostragem

A amostragem será apresentada da seguinte maneira: (a.) Seleção dos sujeitos; (b.) Seleção dos pais; (c.) Seleção das professoras de pré-escolar.

#### (a.) Seleção dos Sujeitos.

A população do estudo abrangeu todos os alunos matriculados na 1ª série do 1º grau no ano de 1980, em 149 escolas da Rede Estadual de Ensino, no Município de Curitiba.

A amostra foi constituída por 80 alunos selecionados aleatoriamente, sendo 40 de nível sócio-econômico alto (NSE alto) - 20 com e 20 sem pré-escolaridade -, e 40 de nível sócio-econômico baixo (NSE baixo) - 20 com e 20 sem pré-escolaridade.

A amostra foi sorteada em 3 etapas, tendo como ponto de partida o mapeamento da cidade de Curitiba e arredores, segundo o critério da renda média familiar. O mapa foi elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), como resultado do Projeto Cura, em agosto de 1979. No mapa estão representados 74 bairros da cidade de Curitiba. Nesta pesquisa, os bairros foram identificados pela renda média familiar, levantada segundo o critério do salário mínimo regional (S.M.R.), como se acha descrito no quadro 1.

QUADRO 1 - Descrição do total de bairros segundo a faixa de S.M.R. estabelecida no Projeto Cura (IPPUC, 1979)

nº de bairros	S.M.R.
11	3 a 4
13	4 a 5
13	5 a 6
1	6 a 7
5	7 a 8
9	8 a 9
5	9 a 10
3	10 a 13
14	não pesquisado
Total 174	-

Usando-se como critério os valores extremos conforme o quadro acima, para esta pesquisa foi estabelecido como bairro de NSE alto o que apresentou renda média familiar de 8 a 13 S.M.R. e bairro de NSE baixo o que apresentou de 3 a 5 S.M.R. A escolha da renda familiar como indicador do NSE deveu-se ao fato de já ter sido este o critério utilizado em pesquisas como de Xavier (1977). Toma-se igualmente como base as considerações de Ferreira (1979) e Alves (1979) para os quais a renda familiar se constitui no fator que delimita as possibilidades sócio-econômicas e de saúde da família. Igualmente Dantas (1974 apud Guazzelli, 1979), além de outros fatores, evidencia a renda da família como fator importante e fundamental na determinação da estratificação social. Outras pesquisas como Poppovic (1975), Guazzelli (1979) e Macedo (1979) utilizam, dentre outros fatores, a renda familiar como um indicador do NSE.

1a. Etapa - Do total de 74 bairros, foram identificados 17 de NSE alto, dos quais sorteou-se inicialmente 3. Uma análise preliminar demonstrou não haver um número suficiente de alunos sem pré-escolaridade nas escolas destes 3 bairros. Foi necessário, portanto, sortear mais três bairros de NSE alto a fim de se conseguir um número suficiente de alunos deste nível que não tivessem frequentado pré-escolar. Portanto, foram sorteados 6 bairros de NSE alto. Dentre os 24 bairros identificados como de NSE baixo, foram sorteados 3.

Fez-se a seguir um levantamento do total de escolas existentes nos bairros sorteados: 43 ao todo, sendo 26 nos seis bairros de NSE alto e 17 nos três bairros de NSE baixo. De acordo com o objetivo da pesquisa, fez-se uma triagem, pela qual foram excluídas todas as escolas: (1) que só oferecem classes de 5a. à 8a. série; (2) de 2º Grau; (3) particulares; (4) municipais, ou qualquer combinação, ficando-se apenas com 16 escolas de 1º Grau da Rede Estadual de Ensino. Destas 16, oito situam-se em bairros de NSE alto e oito em bairros de NSE baixo. Estas escolas foram subdivididas em dois grupos: as que oferecem classes de pré e as que não o oferecem. No primeiro grupo identificou-se 9 escolas, das quais 5 em bairros de NSE alto e 4 em bairros de NSE baixo, conforme o quadro 2.

QUADRO 2 - Descrição das escolas segundo o nível sócio-econômico dos bairros em que estão situadas.

N S E	E S C O L A S				
	Total Ident.	Selec.	Oferecem pré-esc.	não ofer. pré-esc.	Total part. da amostra
Alto	26	8	5	3	6
Baixo	17	8	4	4	2

2. Etapa - Das 9 escolas que oferecem pré foram sorteadas duas, sendo uma localizada em bairro de NSE alto e uma em bairro de NSE baixo. Dentre as 7 escolas que não oferecem pré, igualmente sorteou-se 2 escolas, sendo uma localizada em bairro de NSE alto e uma em bairro de NSE baixo. No entanto, nas duas escolas, uma com pré e uma sem pré, dos bairros de NSE alto não foi encontrado um número suficiente de crianças sem pré. Este fato determinou a inclusão na amostra, de todas as escolas dos 6 bairros de NSE alto, ou seja, o total de 8 escolas, sendo 5 com classes de pré e três sem classes de pré. Destas 8 escolas, duas não apresentaram nenhum aluno que se enquadrasse nos critérios estabelecidos abaixo. A pesquisa foi feita, portanto, em seis escolas de NSE alto e 2 escolas de NSE baixo, totalizando 8 escolas, conforme dados apresentados no quadro 2.

Destas 8 escolas foram analisadas todas as fichas de matrícula da chamada escolar de 1980. Parte destas fichas encontravam-se no Departamento do Bem-Estar Social da Prefeitura Municipal de Curitiba, e parte no Departamento do 1º Grau da Secretaria de Estado da Educação. Através destas fichas foram identificados 468 alunos matriculados na 1ª série do 1º Grau. O grande número de alunos encontrados deve-se ao fato de haver até 6 turmas de 1ª série em algumas escolas. Do total inicial de 468 alunos, selecionou-se 82 de NSE alto e 162 de NSE baixo, totalizando 244 alunos como possíveis sujeitos da amostra. Foram os seguintes os critérios utilizados para a seleção: a) Apresentar renda familiar de conformidade com a renda indicada pelo NSE do bairro em que se situa a escola, conforme o quadro 1. b) Não ter abandonado ou repetido a 1ª série. c) Não ter frequentado classe de pré-escolar ou tê-la frequentado, desde que em escola da Rede Estadual de Ensino. d) Estar dentro da faixa etária de 6,6 a 8,6 anos. Inicialmente havia sido estabelecida a faixa de 7,0 e 8,6 anos, mas, no decorrer da listagem, verificou-se um número muito baixo de alunos de NSE alto nesta faixa etária. Por este motivo foram incluídos os alunos de 6,6 a 6,11 anos. Para se evitar o fato de que os escores pelos sujeitos desta faixa de idade afetassem de algu-

ma maneira os resultados, sorteou-se número igual de sujeitos de 6,6 a 6,11 anos na composição de cada um dos 4 grupos da pesquisa.

3a. Etapa - Sobre o total dos 244 alunos fez-se o levantamento dos seguintes dados: nome do aluno, data de nascimento, renda familiar, pré-escolaridade e o nome da escola em que fez o pré ( quando foi este o caso).

A seguir foram selecionadas aleatoriamente 80 crianças. Destas , 40 eram de NSE alto, sendo 20 com pré-escolaridade e 20 sem pré-escolaridade, e 40 de NSE baixo, sendo 20 com e 20 sem pré-escolaridade.

Os quatro grupos de 20 sujeitos foram reduzidos para 18 sujeitos cada um. O motivo de tal procedimento explica-se pelo seguinte: ao serem levantados os dados do questionário que foi aplicado aos pais dos sujeitos, constatou-se dados contraditórios quanto à variável pré-escolaridade de 2 sujeitos. Fez-se necessário, portanto, excluí-los da amostra, ficando o grupo com 18 sujeitos. O mesmo procedimento foi aplicado de forma aleatória aos outros três grupos, passando de 80 para 72 o número total de sujeitos da pesquisa, como mostra o quadro 3.

Quadro 3 - Descrição do total de sujeitos selecionados e sorteados para a amostra.

Critérios	Nível sócio-econômico				Total Geral
	Alto		Baixo		
	Com pré	Sem pré	Com pré	Sem pré	
Selecionados	56	26	41	121	244
Sorteados	18	18	18	18	72

## (b.) Seleção dos Pais.

De acordo com os objetivos da pesquisa, foram convocados os pais dos 72 sujeitos, para que respondessem ao Questionário de atividades domiciliares que favorecem a prontidão para a leitura e escrita. Cada família respondeu a um questionário; desta foram o total possível de questionários respondido seria 72. Das 72 famílias, 58 responderam ao questionário, ou seja, 80,55% das famílias dos sujeitos da pesquisa. Destas 58, 27 famílias eram de NSE baixo, sendo 15 de sujeitos sem pré e 12 de sujeitos com pré. Das 31 famílias de NSE alto, 15 eram de sujeitos sem pré e 16 de sujeitos com pré. Estes dados são apresentados no quadro 4.

Quadro 4 - Descrição do total de pais convocados e que responderam ao Questionário.

Critérios	Nível Sócio-Econômico				Total Geral	%
	Alto		Baixo			
Pais (1 por suj.)	Pais suj. c/pré	Pais suj. s/pré	Pais suj. c/pré	Pais suj. s/pré		
Convocados	18	18	18	18	72	100,00
Respondentes	16	15	12	15	58	80,55

## (c.) Seleção das professoras de pré-escolar.

De acordo com os objetivos da pesquisa, foram entrevistadas individualmente 21 professoras, ou seja, o total de professoras responsáveis por 19 classes de pré-escolar que se acham distribuídas entre 8 escolas. Tais escolas perfazem o total dos estabelecimentos da Rede Estadual de Ensino, que oferecem classes de pré-escolar, dentro dos limites dos 9 bairros sorteados para compor a amostra (ver 1a. etapa da amostragem).

## Instrumentos

Três instrumentos foram utilizados na pesquisa: 1. Testes ABC; 2. Questionário de atividades domiciliares que favorecem a prontidão para leitura e escrita; 3. Questionário de atividades escolares que favorecem a prontidão para leitura e escrita.

### 1. Testes ABC

Os Testes ABC constituem-se numa série de oito provas elaboradas e padronizadas por Lourenço Filho, em 1928 e 1929 (Lourenço Filho, 1974). Tais testes têm por objetivo verificar a maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. Esta maturidade é identificada por 10 fatores básicos, subjacentes ao comportamento da leitura e escrita, aos quais estão relacionados cada um dos 8 testes dos Testes ABC, conforme o quadro 5. Os 10 fatores básicos arrolados por Lourenço Filho podem ser definidos como grandes estruturas funcionais envolvidas no comportamento de ler e escrever. São eles: (1) Coordenação visual-motora, ou seja, a capacidade para a coordenação dos movimentos da mão aos da visão; (2) Resistência à inversão na cópia de figuras - capacidade de copiar símbolos ou figuras na posição correta; (3) Memorização visual, que pode ser definida como a capacidade de reter na memória imagens captadas pela visão; (4) Coordenação auditivo-motora: capacidade de coordenar a expressão oral com os estímulos percebidos pelo ouvido; (5) Capacidade de prolação, ou seja, capacidade de proferir palavras; (6) Resistência à ecolalia, isto é, capacidade de resistir à repetição automática das palavras ouvidas; (7) Memorização auditiva: capacidade de reter na memória sons captados; (8) Índice de fatigabilidade, isto é, índice de resistência à fadiga causada pelo esforço no ato de escrever, principalmente pela imobilidade do corpo; (9) Índice de atenção dirigida, ou seja, o índice da capacidade de focalizar a atenção em um objeto definido; (10) Vocabulário e compreensão geral, isto é, o conhecimento de um número adequado de

palavras para poder captar o significado e interpretar o que ouve.

A relação entre os dez fatores acima e cada um dos 8 teste dos Testes ABC encontram-se no quadro 5.

Para cada um dos oito testes há uma avaliação específica pela qual podem ser atribuídos os escores do 0 a 3 , supondo-se portanto uma amplitude de 0 a 24 pontos no teste total, os quais traduzem o nível de maturidade (N.M.) para a aprendizagem da leitura e escrita de cada criança.

Com base na correlação entre os resultados do teste e a aprendizagem da leitura e escrita, Lourenço Filho indentificou 3 faixas de escores que correspondem a 3 diferentes níveis de aprendizagem. Dessa forma os resultados do teste se classificam da seguinte maneira: nível de maturidade (N.M.) de 17 pontos para mais permite prever a aprendizagem da leitura e escrita, sem dificuldades, para um semestre letivo; N.M. de 12 a 16 pontos prevê que a aprendizagem se dará facilmente em um ano letivo; N.M. de 8 a 11 pontos permite prever que a criança não aprenderá a ler e escrever em um ano, necessitando maiores cuidados. De 7 pontos para menos é possível garantir que haverá necessidade de um atendimento especial a cada caso, sem o que o ensino comum escolar não será eficiente. Nestes casos é igualmente recomendado que se lance mão de exames complementares de saúde, nível mental e estabilidade emocional, a fim de que se possa estabelecer um tratamento adequado. (Lourenço Filho, 1974).

#### Adequação dos Testes ABC.

Segundo o autor, os Testes ABC se constituem num instrumental sensível e digno de confiança, conclusão a qual chegou após os resultados obtidos nas diversas aplicações em grandes amostras, especialmente a de 1939, quando o teste foi aplicado em 22.115 crianças entre 6 e 14 anos de idade. (Lourenço Filho, 1971).

Quadro 5 - Fatores básicos de maturidade para aprendizagem da leitura e escrita e sua relação com cada um dos 8 testes dos Testes ARC. (Lourenço Filho, 1974)

Fatores básicos de maturidade para aprendizagem da leitura e escrita	TESTE 1 Cópia de figuras	TESTE 2 Denominação de 7 figuras apresentadas em conjunto, por 30 seg.	TESTE 3 Reprodução motora e gráfica de movimentos	TESTE 4 Reprodução de palavras de uso corrente	TESTE 5 Reprodução de uma narrativa	TESTE 6 Reprodução de polissílabos não usuais	TESTE 7 Recorte em papel	TESTE 8 Pontilhagem em papel quadriculado
1. Coordenação visual-motora	X		X				X	
2. Resistência à inversão na cópia de figuras			X					
3. Memorização visual		X						
4. Coordenação auditivo-motora						X		
5. Capacidade de prolação				X		X		
6. Resistência à ecolalia				X		X		
7. Memorização auditiva				X				
8. Índice de fadigabilidade							X	X
9. Índice de atenção dirigida		X			X		X	X
10. Vocabulário e compreensão geral	X	X (Especialm)	X	X	X (Especialm)	X	X	X

Num outro estudo, conduzido por Helena Antipoff em Minas Gerais, em 1932, os Testes ABC foram aplicados em 193 crianças das classes experimentais anexas à Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, de Belo Horizonte (MG). A correlação obtida entre os resultados dos testes e o resultado da aprendizagem da leitura e escrita, verificada por teste padronizado (testes Belo Horizonte), foi de +0,61.

Igualmente no Rio de Janeiro (ano não indicado), tendo sido aplicados os Testes ABC em 261 alunos, comparou-se estes resultados com os da aprendizagem da leitura e escrita e se chegou à conclusão que a probabilidade da independência entre eles é de 0,00005%, um índice insignificante. O cálculo foi feito por Fontenelle, do Instituto de Pesquisas em Educação do Rio de Janeiro (Lourenço Filho, 1971). O teste estatístico utilizado não constou no texto.

Em Curitiba, Pavão (1954) realizou uma análise estatística dos Testes ABC para o qual foram utilizados os resultados da aplicação deste teste em 2.393 crianças, sendo 1.296 do sexo masculino e 1.097 do sexo feminino. Os testes foram aplicados pelo pessoal técnico do Centro de Pesquisas da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Foram utilizados como controle os resultados da aplicação dos Testes ABC em 452 crianças do Instituto de Educação. O estudo permitiu concluir, entre outras coisas que, de um modo geral, os resultados obtidos pelos dois sexos não diferiu significativamente. Concluiu igualmente Pavão (1954) que:

(...) é possível afirmar que embora a idade não seja de per si suficiente para determinar a maturidade para a aprendizagem da leitura e escrita, ela se mostra numa indiscutível correlação positiva com essa característica, isto é, a idade não determina a referida maturação mas é um elemento importante no seu condicionamento. (p.34)

Outra conclusão foi a de que a padronização dos Testes ABC em termos globais pode encobrir deficiências importantes nas provas isoladas. Com base nesta conclusão a autora sugere uma repadronização do teste através de experiência de extensão nacional

Numa segunda pesquisa, Pavão (1962) utilizou os resultados de 1.402 aplicações dos Testes ABC realizadas nos anos de 1957 e 1958 em crianças que procuraram matrícula na 1ª série em 9 dentre os 31 Grupos Escolares de Curitiba. Foram igualmente utilizados os resultados de 399 aplicações feitas no ano de 1961, em três outras escolas. Esta pesquisa realizou e testou modificações na técnica de aplicação e avaliação dos Testes ABC, que resultaram na padronização do teste para Curitiba. Nesta pesquisa a autora constatou entre outras coisas que a idade cronológica influi nos resultados de algumas provas dos Testes ABC.

Os Testes ABC foram igualmente usados por Raphael (1978) em pesquisa para verificação da influência das condições pessoais do aluno e das metodologias usadas, sobre o rendimento em leitura na 1ª série do 1º Grau. Entre outras, o autor chegou à conclusão de que existe uma correlação positiva entre a prontidão para a leitura e o rendimento em leitura comprovado através das notas das crianças, relativas a este item. Em pesquisas de Poppovic (1964a e 1964b) foram aplicados os Testes ABC paralelamente ao Teste Metropolitano de Prontidão. Na primeira pesquisa os testes foram aplicados em 136 crianças matriculadas no 1º ano primário, com e sem pré-primário. Comparando-se as médias dos dois grupos (com e sem) pelo teste t de Student encontrou-se uma diferença significativa ao nível de 1% entre os dois grupos, tanto no Teste Metropolitano quanto no ABC. Na segunda pesquisa (1964b) os dois testes foram aplicados em 82 crianças em fim de pré-primário. Calculando-se pela fórmula de Pearson, obteve-se uma correlação de +0,60 entre os resultados de ambos os testes. Em outra pesquisa (Poppovic, 1965) a autora comenta esta correlação e conclui que ambos os testes verificam a maturidade para a aprendizagem da leitura e escrita podendo ser utilizado um ou outro, conforme a necessidade do momento.

2. Questionário de atividades domiciliares que favorecem a prontidão para leitura e escrita. - Questionário I

Descrição

O instrumento compõe-se de duas partes: a primeira contém itens para o levantamento de dados referentes à família dos sujeitos e a segunda se refere às atividades realizadas em casa, pelas crianças.

A primeira parte é constituída de dados referentes à idade, profissão e grau de instrução do pai e da mãe, como também o número total de filhos do casal. Tendo por objetivo levantar alguns dados sobre as condições sócio-culturais da família, utilizou-se itens de Macedo (1979) na elaboração de questões referentes a: (a) se o filho (sujeito da amostra) vê televisão e o número de horas diárias em que assiste TV; (b) se em casa existem livros e/ou revistas e se o filho (sujeito da amostra) costuma folhá-los; (c) se as pessoas da casa lêem jornal, e a frequência com que lêem.

Ao final do questionário, mas ainda como parte deste bloco de informações, foram colocadas 2 questões fechadas que tinham por objetivo levantar a opinião e a justificativa da opinião dos pais sobre a importância das atividades constantes da segunda parte do questionário.

A segunda parte do instrumento compõe-se de 29 itens cujo objetivo foi determinar quais atividades, relacionadas com a prontidão para a aprendizagem da leitura e da escrita, as crianças realizam em casa.

Esta parte do instrumento foi construída a partir de um levantamento de 66 atividades próprias de pré-escolar, retiradas das sugestões de trabalho oferecidas na publicação Currículo nº 38, de 1978, editada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Esta publicação, na sua totalidade, se constitui numa proposta de trabalho para o pré-escolar, versando das partes sobre atividades próprias para serem desenvolvidas com pré-escolares. Utilizou-se, igualmente, a publicação do MEC/DEF/CODEPRE, Atendimento

ao Pré-Escolar v.1, 1977, que versa sobre a caracterização da criança pré-escolar e da educação pré-escolar. Nesta segunda parte é fornecida uma série de sugestões para atividades próprias para este nível. Foram também utilizadas sugestões oferecidas por professoras com experiência em pré-escolar. Da lista inicial de 66 atividades foram selecionadas 29 mais diretamente ligadas à aprendizagem da leitura e escrita, utilizando-se como critério a relação das mesmas com as oito provas dos Testes ABC. A seguir estas 29 atividades selecionadas foram transformadas nas 29 questões (as questões nº 9 e nº 27 foram subdivididas em 9a - 9b e 27a - 27b) que compõem o Questionário I (Anexo 1).

No quadro 6, a seguir, encontra-se a relação das 27 questões com os 8 testes dos Testes ABC.

Quadro 6 - Descrição dos 8 testes que compõem os Testes ABC e o número das questões correspondentes do Questionário I.

TESTES	Nº DAS QUESTÕES
1. Cópia de figuras	1* - 2 - 3 - 4 - 5
2. denominação de 7 figuras apresentadas em conjunto por 30 segundos	6 - 7 - 8
3. reprodução motora e gráfica de movimentos	9a - 9b - 10 - 11 - 12
4. reprodução de palavras de uso corrente	13 - 14
5. reprodução de uma narrativa	15 - 16 - 17 - 18
6. reprodução de polissílabos não usuais	19 - 20
7. recorte em papel	21* - 22 - 23
8. pontilhagem em papel quadriculado	24 - 25 - 26 - 27a - 27b

\* A questão de nº 1 acha-se repetida na questão nº 21 por se tratar de uma atividade intimamente ligada tanto ao teste 1 quanto ao teste 7. (ver Anexo 1)

O pesquisador procurou, sempre que possível, transmutar as atividades relacionadas com os testes para uma linguagem acessível aos pais.

Abaixo de cada questão foram colocadas três alternativas: sim, muito - sim, às vezes - não. Os valores atribuídos a cada opção foram 2, 1 e 0 (zero) respectivamente.

2. Questionário de atividades escolares que favorecem a prontidão para leitura e escrita. - Questionário II

Descrição

O instrumento compõe-se de duas partes: a primeira contém ítems para levantar dados de identificação e a segunda parte se refere às atividades programadas pelas professoras, nas classes de pré-escolar.

A primeira parte é constituída de dados referentes à idade, sexo, tempo de magistério em classes de pré-escolar e curso de especialização nesta área.

A segunda parte do instrumento compõe-se de 31 ítems cujo objetivo foi determinar quais atividades, relacionadas com a prontidão para a aprendizagem da leitura e da escrita, são programadas nas classes de pré-escolar. Esta parte do instrumento foi construída exatamente da mesma forma que o Questionário I. Com base nas publicações Currículo e Atendimento ao Pré-Escolar anteriormente citadas, como também em sugestões oferecidas por professoras, foram levantadas 66 atividades próprias de pré-escolar das quais foram selecionadas 31 mais diretamente ligadas à aprendizagem da leitura e escrita, utilizando-se como critério a correspondência das mesmas com os oito testes dos Testes ABC. Estas 31 atividades selecionadas foram transformadas nas 31 questões que compõem o Questionário II (Anexo 1). No quadro 7 aparece a relação das 31 questões com os 8 testes dos Testes ABC.

Quadro 7 - Descrição dos 8 testes que compõem os Testes ABC e o número das questões correspondentes do Questionário II.

TESTES	Nº DAS QUESTÕES
1. cópia de figuras	1 - 2 - 3 - 4 - 5
2. denominação de 7 figuras apresentadas em conjunto, por 30 segundos	6 - 7 - 8
3. reprodução motora e gráfica de movimentos	9 - 10 - 11 - 12
4. reprodução de palavras de uso corrente	13 - 14 - 15
5. reprodução de uma narrativa	16 - 17 - 18 - 19
6. reprodução de polissílabos não usuais	20 - 21
7. recorte em papel	22 - 23 - 24 - 25
8. pontilhado em papel quadriculado	26 - 27 - 28 - 29 - 30 - 31

Ao lado de cada questão foram colocadas quatro alternativas: muitas vezes, às vezes, poucas vezes e raramente. Os valores atribuídos a cada alternativa foram 4, 3, 2 e 1 respectivamente.

#### Validade dos Questionários I e II

A validade dos Questionários I e II foi estabelecida pela comparação dos 8 testes que compõem os Testes ABC com cada uma das atividades arroladas nos questionários. O objetivo foi avaliar a correspondência entre os testes e as questões. Isso foi feito por três professores universitários da área de Educação da Universidade Federal do Paraná dentre os quais um Livre Docente cuja tese versou sobre os Testes ABC, além de ter outros trabalhos publicados sobre o mesmo tema. O segundo juiz é Doutor em Orientação Educa -

cional e o terceiro é professor adjunto de Psicologia da Educação. Os três professores compararam cada um dos 8 testes dos Testes ABC com cada uma das atividades sugeridas nas questões dos Questionário I e II, para avaliar a correspondência entre os testes e as questões. Foram feitas algumas sugestões para mudança no conteúdo e/ou na forma de alguns dos itens. Após terem sido feitas as reformulações sugeridas, novamente os 3 juízes examinaram os questionários para confirmar o consenso das 3 opiniões.

#### Fidedignidade dos Questionários I e II

Como foi esclarecido anteriormente, os Questionários I e II foram construídos da mesma maneira, isto é, com bases em atividades relacionadas com os 8 testes dos Testes ABC (quadros 6 e 7). Portanto os dois instrumentos apresentam o mesmo conteúdo tendo sido validados do mesmo modo. De igual forma, ambos os questionários foram testados para se verificar se a construção dos itens permite uma interpretação fidedigna por parte dos respondentes. Para tanto procedeu-se à aplicação dos dois instrumentos no grupo de professoras de pré-escolar selecionadas para a pesquisa. Foi aplicado o coeficiente de correlação de Pearson (Ary et alii, 1972) aos escores obtidos e o  $r$  calculado foi de +0,69. Na tabela de significância do  $r$ , para um  $\alpha$  de 0,01 e 20 GL, o valor é igual a +0,492. Desta forma o  $r$  calculado é maior que o tabelado o que permite concluir que existe uma correlação positiva significativa entre os escores de ambos os instrumentos. Estabeleceu-se dessa forma a fidedignidade do Questionário I e II.

## Coleta de dados

Apresentar-se-ã, a seguir, o método de coleta dos dados a respeito de: (1) Prontidão para a leitura e escrita, através da aplicação dos Testes ABC; (2) Atividades realizadas em casa, através da aplicação do Questionário I; (3) Atividades realizadas na escola, através da aplicação do Questionário II.

(1) A aplicação dos Testes ABC foi feita individualmente, com os 72 sujeitos da amostra, dentro das normas estabelecidas pelo próprio teste. Foram três os aplicadores: o pesquisador e dois colaboradores previamente treinados. O treinamento constituiu-se de 3 sessões com a duração de duas horas cada uma, durante as quais se fez um estudo dos Testes ABC e dos fatores de maturidade que estes medem. Estudou-se igualmente a maneira de avaliar cada teste e, por fim, cada um dos aplicadores testou sua fluência nos testes aplicando o ABC em duas crianças matriculadas na 1ª série do 1º Grau.

A aplicação foi feita nos primeiros 20 dias letivos do mês de março de 1980, durante o período de aula, com a permissão da direção das oito escolas. Os ambientes para as aplicações foram bibliotecas, salas de aula desocupadas e Gabinete de Orientação Educacional.

(2) O Questionário I foi aplicado tanto de forma coletiva quanto individual, em 58 do total de 72 pais. Em três das oito escolas da amostra, a administração convocou 52 pais ou responsáveis para uma reunião. Compareceram a esta reunião 41 pais aos quais o pesquisador aplicou o questionário coletivamente. As 5 escolas restantes forneceram os endereços dos pais, em número de 20, dos quais 17 responderam ao questionário em entrevista realizada em suas residências, pelo pesquisador.

(3) O Questionário II foi aplicado individualmente pelo pesquisador, em entrevistas realizadas com as 21 professoras no local de trabalho e nas residências das entrevistadas.

### Tratamento Estatístico

O tratamento estatístico aplicado à  $H_1$  e  $H_2$  será análise de variância para esquemas fatoriais  $2 \times 2$  (ARY et alii, 1972).

Para verificar a  $H_3$ ,  $H_4$  e  $H_5$  será utilizado o teste t de Student (ARY et alii, 1972). Para ambos os tratamentos foi fixado o alpha em 0,05.

## CAPÍTULO IV

### APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

#### Introdução

Os resultados da pesquisa serão apresentados da seguinte forma:  
Dados Descritivos: (a) Dados descritivos dos sujeitos da pesquisa; (b) Dados descritivos dos pais dos sujeitos; (c) Dados descritivos das professoras de pré-escolar; Resultados do Tratamento Estatísticos.

#### Dados Descritivos

##### (a) Dados descritivos dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram 72 crianças, 43 do sexo masculino e 29 do sexo feminino, matriculados na 1ª série do 1º Grau em 8 escolas da Rede Estadual de Ensino situadas no Município de Curitiba. Do total de 72, 44 crianças, ou seja 61,2% encontravam-se na faixa de 7,0 a 8,6 anos de idade; 28 crianças, ou seja 38,8% da amostra, tinham de 6,6 a 6,11 anos de idade, na época da aplicação dos Testes ABC. Os dados acima descritos encontram-se mais detalhados na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição dos sujeitos segundo idade, nível sócio-econômico e pré-escolaridade.

Nível Sócio-Econômico												
S u j e i t o s (Idade em anos)	Alto			Baixo			T o t a l					
	com pré	%	sem pré	com pré	%	sem pré	com pré	%	sem pré	%	geral	
7,0 ↔ 8,6	11	15,3	11	15,3	11	15,3	22	30,6	22	30,6	44	61,2
6,6 ↔ 6,11	7	9,7	7	9,7	7	9,7	14	19,4	14	19,4	28	38,8
T o t a l	18	25,0	18	25,0	18	25,0	36	50,0	36	50,0	72	100,0

Aplicando-se os Testes ABC à amostra de sujeitos, obteve-se os seguintes resultados, descritos na Tabela 2.

TABELA 2 - Médias dos escores obtidos nos Testes ABC segundo o nível sócio-econômico e a pré-escolaridade.

Nível sócio-econômico	Freqüência ao pré-escolar	Sujeitos (N=72)	- X	S
Alto	Sim	18	14,50	2,16
	Não	18	13,38	1,66
Baixo	Sim	18	13,44	2,69
	Não	18	11,16	1,89
		= x	13,12	

Conforme se pode notar na tabela 2, comparando-se as médias dos sujeitos com pré de NSE alto e de NSE baixo, observa-se uma diferença de 1,06 favorável aos primeiros; no entanto, tais médias deveriam, supostamente, ser mais próximas, uma vez que todos estes sujeitos frequentaram o pré-escolar. Por outro lado, a comparação entre as médias dos sujeitos sem pré de NSE alto e de NSE baixo, revela uma diferença de 2,22 a favor dos primeiros. Dada a igualdade de condições quanto à variável pré-escolaridade, esta diferença demonstra a possível interferência de outras variáveis em favor dos sujeitos de NSE alto.

Observa-se igualmente na tabela 2, que as médias que mais se assemelham e que mais se aproximam de  $\bar{X}$  são as dos sujeitos de NSE alto sem pré e as dos sujeitos de NSE baixo com pré. Nota-se, também, que as médias do grupo de NSE alto (com e sem pré) são sensivelmente superiores às médias do grupo de NSE baixo (com e sem pré).

(b) Dados descritivos dos pais de sujeitos

Dos 58 pais que responderam ao questionário, 27 são de NSE baixo e 31 de NSE alto.

Os pais de NSE baixo apresentaram uma média de idade de 39,1 anos e as mães 32,5. Os pais de NSE alto apresentaram as médias de idade de 41,5 anos para os pais e 35,9 anos para as mães; ambas as médias de idade dos pais e mães de NSE alto são mais altas que as dos pais e mães de NSE baixo. A média do número total de filhos, no entanto, foi igual para ambos os NSE: 3,7 filhos por família.

Com relação à profissão dos pais levantou-se o seguinte: a profissão Pedreiro concentrou a maior frequência -4 -, ou seja, 14,8% dentre os pais de NSE baixo; a profissão Funcionário Público concentrou a maior frequência -6-, ou seja 19,3% dentre os pais de NSE alto. Quanto à profissão das mães, em ambos os NSE a grande concentração se deu na profissão Do lar: 70,4% das mães de NSE baixo e 67,8% das mães de NSE alto. Dados mais detalhados sobre as profissões encontram-se nos quadros 1 e 3, no Anexo 2.

Os dados coletados a respeito do grau de instrução dos pais de NSE baixo revelaram que 7,4% deles são analfabetos, 81,5% têm o 1º Grau incompleto e apenas 11,1% cursaram o 1º Grau completo, ou seja, os antigos primário e ginásio. Para este NSE a média de anos de escolaridade foi de 3,7 anos. Entre os pais de NSE alto 16,1% têm o 1º Grau completo, 6,5% o 2º Grau incompleto, 29,0% cursaram o 2º Grau, 22,6% têm curso superior incompleto e 12,9% cursaram o 3º Grau. Somente 12,9% apresentaram o 1º Grau incompleto, ao contrário dos dados sobre o NSE baixo que apresentam 81,5% dos pais com este grau de instrução, além dos 7,4% de analfabetos. A média de anos de escolaridade dos pais de NSE alto foi de 10,4 anos, média esta sensivelmente superior à dos pais de NSE baixo. Dados mais detalhados sobre o grau de instrução encontram-se nos quadros 2 e 4, no Anexo 2.

Quanto ao grau de instrução das mães, no grupo de NSE baixo a maior concentração se deu no 1º Grau incompleto: 74,1%, enquanto que 18,5% têm 1º Grau completo e 7,4% são analfabetas. A média de anos de escolaridade foi de 4,1 anos. Já as mães de NSE alto apresentaram 35,5% com 1º Grau incompleto, 29,0% com 1º Grau completo, 3,2% com 2º Grau incompleto, 19,4% com o curso de 2º Grau e 12,9% com curso superior. Neste último nível a percentagem foi idêntica à dos pais de NSE alto. Nota-se ainda que, apesar da concentração de 35,5% de mães de NSE alto com 1º Grau incompleto, estas apresentaram uma percentagem de 35,5% com nível de instrução mais elevado que as do grupo de NSE baixo. A média de anos de escolaridade foi de 7,9 anos, contra a média de 4,1 anos das mães de NSE baixo. Dados mais detalhados encontram-se nos quadros 2 e 4, no Anexo 2.

A renda familiar não constou do questionário, pelo fato de que este dado já havia sido coletado diretamente das fichas de matrícula da chamada escolar, como um dos critérios utilizados para selecionar os possíveis sujeitos da amostra. Isto explica, igualmente, o fato de que os dados abaixo apresentados se referem à totalidade da amostra e não somente aos 58 pais que responderam ao Questionário I. Dos 36 sujeitos caracterizados como de NSE baixo, 8,3% apresentaram, na ficha de matrícula, renda familiar de 1 (um) salário mínimo; 61,1% declararam renda entre 1 e 2 salários; 30,6% de 3 salários mínimos. Estes dados indicam que 69,4% das famílias da amostra de NSE baixo recebem de 0 a 2 salários mínimos, percentagem superior a taxa brasileira -58,8%-, levantada pelo FIBGE, em 1975. Isto significa que a totalidade da amostra se encontra no limite mínimo da faixa salarial, isto é, de 3 a 5 salários mínimos regionais, estabelecida para este estudo, como indicador de NSE baixo. Dentre os 36 sujeitos caracterizados como de NSE alto, 52,8% declararam uma renda familiar de 8 salários mínimos; 25,0% apresentaram de 9 a 12 e 22,2% declararam 13 salários mínimos ou mais. No quadro 5 do Anexo 2 estes dados são encontrados de forma mais detalhada.

As questões seguintes do Questionário I tiveram como objetivo levantar algumas informações adicionais sobre os sujeitos da pesquisa.

Estudos publicados enfatizam que o acesso às várias áreas de informação, pode ser um dos fatores que influem no nível sócio-cultural de um indivíduo (Witter et alii, 1971). Dessa forma pretendeu-se levantar o número médio de horas durante as quais a criança assiste TV. Foram os seguintes os resultados: 7,4% das crianças de NSE baixo não assistem TV, e do total de 92,6% que assistem televisão, 22,2% assistem menos de uma hora por dia; 59,2% assistem de uma a duas horas diárias e apenas 11,1% assistem mais de 2 horas diárias. Por outro lado só 3,2% dentre as crianças de NSE alto não assistem TV e, dos 96,8% que assistem, 23,3% assistem menos de uma hora diária; 36,7% assistem de uma a duas horas por dia; no entanto 40,0% assistem mais de duas horas por dia, ou seja, um número de 30,0% maior que as crianças de NSE alto.

Segundo pesquisa de Diatkine (apud Salas, 1972), os pais que leem e que, de algum modo valorizam a leitura e a escrita, dão mais condições aos filhos para um melhor aproveitamento escolar. Dessa forma algumas questões do questionário visaram levantar, de um modo genérico, a presença de livros e/ou revistas, bem como o nível da leitura de jornal na família. Os resultados foram os seguintes: dos pais de NSE baixo, 14,8% declararam que possuem muitos, 74,1% assinalaram que têm poucos e 11,1% afirmaram que não têm livros e/ou revistas em casa. Dentre os pais de NSE alto, 77,4% possuem muitos, 19,4% têm poucos e apenas 3,2% declararam que não possuem livros e/ou revistas em casa. Pode-se, aqui, observar a diferença acentuada quanto à presença destes materiais em casa, diferença esta em favor dos sujeitos de NSE alto: 62,6%.

A pergunta seguinte teve por objetivo conhecer a reação das crianças em casa, frente aos livros e revistas. Dentre os pais da NSE baixo que afirmaram ter estes materiais em casa, 70,4% declararam que seus filhos (sujeitos da pesquisa) costumam folhá-los e 29,6% esclareceram que os

filhos não costumam folhar. Dentre os pais de NSE alto, 93,5% declararam que as crianças (sujeitos da pesquisa) costumam folhar livros e/ou revistas e somente 6,5% assinalaram que os filhos não têm este costume. Também nesta questão fica claro o desnível de interesse quanto a materiais impressos em favor das crianças de NSE alto.

Com respeito à leitura de jornal pelas pessoas da casa, entre famílias de NSE baixo, 14,8% confirmaram que lêem diariamente; 33,4% declararam que lêem apenas algumas vezes por semana; 40,7% lêem algumas vezes por mês e 11,1% não lêem jornais. Dentre as famílias de NSE alto 71,0% lêem diariamente; 22,6% lêem apenas algumas vezes por semana; 3,2% lêem algumas vezes por mês e 3,2% não lêem jornal. O desnível na leitura de jornais fica evidente pela ampla diferença de 56,2% a mais na leitura diária, favorável aos pais de NSE alto. Da mesma forma, enquanto que 51,8% das famílias de NSE baixo não lêem jornal ou lêem apenas algumas vezes por mês, somente 6,4% das famílias de NSE alto encontram-se nesta situação.

As duas últimas perguntas do questionário pediram a opinião dos pais sobre a importância das 29 atividades arroladas no questionário, para o desenvolvimento da criança. Dos 27 pais de NSE baixo, 51,9% responderam que todas as atividades são importantes; 48,1% assinalaram a maioria. As duas últimas alternativas: algumas e nenhuma não foram assinaladas. Dentre os pais de NSE alto 74,2% responderam que todas as atividades são importantes; 16,1% assinalaram a maioria e 9,7% responderam algumas. A última alternativa - nenhuma - não foi assinalada por nenhum dos pais. Estes resultados não mostram diferença acentuada na opinião geral dos pais de ambos os NSE, visto que a grande maioria deles reconheceu a importância das atividades constantes do questionário para o desenvolvimento da criança.

A última questão, com 4 alternativas, pedia uma justificativa para a resposta anterior. Dentre os pais de NSE baixo, 11,1% assinalaram a 1ª alternativa: "porque são passatempo para meu filho"; 14,8% assinalaram a 2ª alternativa: "porque meu filho gosta de realizá-las"; 66,7% optaram pela

3a. alternativa: "porque preparam meu filho para aprender a ler e escrever;" 7,4% optaram pela 4a. alternativa: "porque mantêm meu filho quieto, acomodado". Dentre os pais de NSE alto as respostas foram. 1a. opção - 6,5%; 2a. opção - 41,9%; 3a. opção - 48,4%; 4a. opção - 3,2%. Quanto a esta questão não se evidenciou diferença sensível nas opiniões, visto que a grande maioria se concentrou na 2a. e 3a. opções, que se constituíam nas respostas mais adequadas: dentre os pais de NSE baixo 81,5% optaram por estas duas alternativas e 90,3% das respostas dos pais de NSE alto ficaram em igual posição.

Todos os dados descritos até aqui integram a primeira parte do Questionário I, ou seja, dados gerais sobre a família dos sujeitos. A segunda parte deste instrumento se refere às atividades realizadas em casa pelos sujeitos da pesquisa. As respostas dos pais, descritas pelo total de escores obtidos em cada uma das 29 questões do questionário, são apresentadas abaixo, no quadro 8. Os resultados foram agrupados segundo o NSE dos pais.

Foi calculado o rho - coeficiente de correlação de Spearman - (ADAMS, 1970) para os postos alcançados pelos escores de cada questão, nas respostas dadas pelos pais de NSE alto e NSE baixo. Obteve-se a correlação + 0,80 que mostra existir uma alta correlação entre a intensidade com que as crianças de NSE alto e NSE baixo realizam em casa as 29 atividades apontadas no instrumento.

### (c) Dados descritivos das professoras de pré-escolar

Foram identificadas 21 professoras responsáveis por 19 classes de pré-escolar distribuídas entre 8 escolas. Tais escolas perfazem o total dos estabelecimentos da Rede Estadual de Ensino que oferecem classes de pré-escolar, dentro dos limites dos 9 bairros inicialmente sorteados para compor a amostra. As 21 professoras identificadas responderam ao Questionário II desta pesquisa.

Quadro 8 - Descrição dos escores e postos alcançados em cada uma das 29 questões do Questionário I e a relação com os 8 testes dos Testes ABC, segundo NSE dos pais.

Testes ABC	Número da questão	NSEa		NSEb	
		escore	posto	escore	posto
1	1	47	5	43	5,5
	2	26	22,5	20	27
	3	49	3,5	44	4
	4	26	22,5	32	14
	5	26	22,5	35	11
2	6	35	12	34	12
	7	52	1,5	48	3
	8	46	6,5	49	2
3	9a	42	8	33	13
	9b	26	22,5	30	15,5
	10	23	27	25	20,5
	11	36	10	39	7,5
	12	30	18	23	22,5
4	13	32	15	23	22,5
	14	52	1,5	50	1
5	15	34	14	37	10
	16	20	28	25	20,5
	17	49	3,5	43	5,5
	18	35	12	38	9
6	19	41	9	28	18,5
	20	31	16,5	20	27
7	21	46	6,5	39	7,5
	22	31	16,5	28	18,5
	23	35	12	30	15,5
8	24	26	22,5	22	24,5
	25	24	26	20	27
	26	26	22,5	29	17
	27a	27	19	22	24,5
	27b	16	29	14	29

Os dados de identificação constantes da primeira parte do questionário levantaram o seguinte: a idade média das professoras foi de 23,8 anos; 66,7% delas cursaram algum tipo de especialização na área do pré, e 33,3% não têm nenhum curso de especialização. Do total de 21 professoras, 42,9% contam com menos de um ano de experiência em pré-escolar; 23,8% das professoras têm de um a dois anos de experiência com pré; 14,3% das professoras têm de dois a três anos de experiência com pré e 19,0% contam com mais de três anos de experiência com pré. Como se pode observar a maioria das professoras conta com algum tipo de especialização na área, porém, é expressiva a percentagem de professoras - 33,3% - sem preparo específico para trabalhar com pré-escolar. Este fato ganha importância quando se observa que 42,9% contam com menos de um ano de experiência na área. A combinação destes dados pode indicar que muitas professoras, além de ter pouca ou nenhuma experiência com pré-escolar, não contam com o apoio de um curso de especialização que compense, de alguma forma, a falta de experiência.

A segunda parte do questionário se refere a 31 atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita, programadas e realizadas nas classes de pré-escolar. No quadro 9 encontram-se as 31 atividades, indicadas pelo número das questões do questionário e sua relação com cada um dos 8 testes dos Testes ABC. Ao lado de cada questão está o escore obtido e o posto alcançado em relação às demais. Os resultados foram agrupados segundo NSE do bairro em que se situa a escola.

Foi calculado o rho - coeficiente de correlação de Spearman - ( ADAMS, 1970 ) para os postos alcançados pelos escores de cada questão, nas respostas dadas pelas professoras de escolas situadas em bairros de NSE alto e NSE baixo. Obteve-se a correlação +0,84 a qual demonstra existir uma forte correlação entre a intensidade com que as 31 atividades são programadas nas classes de pré-escolar das escolas situadas em bairros de NSE alto e de NSE baixo.

Quadro 9 - Descrição dos escores e postos alcançados em cada uma das questões do Questionário II, segundo o NSE do bairro em que se situa a escola.

Testes ABC	Número da questão	Prof. de Esc. do NES alto		Prof. de Esc. de NSE baixo	
		escore	posto	escore	posto
1	1	42	17,5	20	26
	2	37	24	17	28,5
	3	35	26,5	20	26
	4	48	6,5	29	6
	5	50	4,5	28	8,5
2	6	38	21,5	25	16,5
	7	52	1,5	29	6
	8	46	9	27	11,5
3	9	48	6,5	31	2
	10	37	24	24	19
	11	38	21,5	24	19
	12	42	17,5	21	23,5
4	13	43	13,5	27	11,5
	14	50	4,5	31	2
	15	43	13,5	24	19
5	16	46	9	27	11,5
	17	43	13,5	23	21
	18	43	13,5	27	11,5
	19	52	1,5	31	2
6	20	42	17,5	30	4
	21	42	17,5	26	14,5
7	22	44	11	25	16,5
	23	37	24	21	23,5
	24	41	20	28	8,5
	25	46	9	26	14,5
8	26	29	30	16	30
	27	34	28	22	22
	28	51	3	29	6
	29	33	29	17	28,5
	30	27	31	15	31
	31	35	26,5	20	26

## Resultados do Tratamento Estatístico

### Introdução

A seguir serão apresentados os resultados de cada uma das hipóteses. As hipóteses principais serão aqui repetidas sendo seguidas da tabela de resultados. As subhipóteses não serão rerepresentadas e o resultado de cada uma delas será identificado pelo número da subhipótese.

Para se evitar a repetição da denominação completa do tipo de teste utilizado, bem como a referência correspondente, para cada um dos vinte e três resultados, decidiu-se explicitar aqui os testes empregados: (a) as hipóteses  $H_1$ ,  $H_2$  e respectivas subhipóteses foram testadas por análise de variância para esquemas fatoriais 2X2 (ARY et alii, 1972). (b) as hipóteses  $H_3$ ,  $H_4$ ,  $H_5$  e respectivas subhipóteses foram testadas pelo teste t de Student (ARY et alii, 1972).

#### Resultados da $H_1$

$H_1$  Existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos nos testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e baixo nível sócio-econômico.

Os resultados da  $H_1$  e das subhipóteses  $H_{1.1}$ ,  $H_{1.2}$  e  $H_3$  encontram-se na tabela 3.

TABELA 3 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos nos Testes ABC

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	51,67	1	51,67	10,675	Sim *
Nível sócio-econ.	48,35	1	48,35	9,989	Sim *
Interação	6,13	1	6,13	1,266	Não
Entre grupos	106,15	3	35,38		
Dentro dos grupos	329,73	68	4,84		
T o t a l	435,88	71			

$\alpha$  0,01 para 1 e 68 GL = 7,02

\* significante ao nível de 0,01

$H_{1.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 3, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 10,675. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,01 e 1 e 68 GL é 7,02. Portanto, o F calculado é maior que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.1.1}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos pelos sujeitos que frequentaram classes de pré-escolar e pelos que não frequ'entaram o pré-escolar.

$H_{1.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 3, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 9,989. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,01 e 1 e 68 GL é 7,02. Portanto, o F calculado é maior que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.1.2}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os índices de prontidão obtidos pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos de nível sócio-eco

nômico baixo.

$H_{1.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 3, a análise de variância para testagem do efeito de interação das variáveis pré-escolaridade e de nível sócio-econômico, resultou num valor F de 1,266. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.3}$  foi aceita o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar.

#### Resultados da $H_2$

$H_2$  Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos em cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e de baixo nível sócio-econômico.

Os resultados da  $H_2$  e das subhipóteses  $H_{2.1}$ ,  $H_{2.2}$  e  $H_{2.3}$  para os 8 testes dos Testes ABC encontram-se nas tabelas de nº 4 a 11.

TABELA 4 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 1º teste dos Testes ABC

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	6,12	1	6,12	9,870	Sim *
Nível sócio-econ.	2,35	1	2,35	3,790	Não
Interação	0,68	1	0,68	1,096	Não
Entre grupos	9,15	3	3,05		
Dentro dos grupos	42,51	68	0,62		
T o t a l	51,66	71			

$\alpha$  0,01 para 1 e 68 GL = 7,02

\* significante ao nível de 0,01

## Resultados da $H_2$ para o 1º teste dos Testes ABC

$H_{2.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 4, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 9,870. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,01 e 1 e 68 GL é 7,02. Portanto o F calculado é maior que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.1}}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 1º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos que não frequentaram o pré-escolar.

$H_{2.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 4, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 3,790. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.2}}$  foi aceita, o que indica que não existe diferença significativa entre os escores obtidos no 1º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 4, a análise de variância para testagem do efeito de interação das variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico resultou num valor F de 1,096. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.3}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 1º teste dos Testes ABC.

Resultados da  $H_2$  para o 2º teste dos Testes ABC.

Na tabela 5 encontram-se os resultados da análise de variância para o 2º teste dos Testes ABC.

TABELA 5 - Resultado da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 2º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	0,01	1	0,01	0,062	Não
Nível sócio-econ.	0,01	1	0,01	0,062	Não
Interação	0,01	1	0,01	0,062	Não
Entre grupos	0,03	3	0,01		
Dentro dos grupos	10,85	68	0,16		
T o t a l	10,88	71			

$H_{2.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 5, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 0,062. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2.1}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 2º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar.

$H_{2.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 5, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 0,062. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2.2}$  foi aceita, o que

indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 2º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 5, a análise de variância para testagem do efeito de interação das variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,062. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado pe menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2.3}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 2º teste dos Testes ABC.

Resultados da  $H_2$  para o 3º teste dos Testes ABC

Na tabela 6 encontram-se os resultados da análise de variância para o 3º teste dos Testes ABC.

TABELA 6 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 3º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	2,00	1	2,00	3,846	Não
Nível sócio-econ.	3,55	1	3,55	6,826	Sim **
Interação	0,49	1	0,49	0,942	Não
Entre grupos	6,04	3	2,01		
Dentro dos grupos	35,46	68	0,52		
T o t a l	41,50	71			

$\alpha$  0,05 para 1 e 68 GL = 3,98

\*\* significante ao nível de 0,05

H<sub>2.1</sub> - Conforme os resultados apresentados na tabela 6, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 3,846. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a H<sub>0</sub><sub>2.1</sub> foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 3º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.

H<sub>2.2</sub>. - Conforme os resultados apresentados na tabela 6, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível-sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 6,826. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é maior que o F tabelado. Dessa forma a H<sub>0</sub><sub>2.2</sub> foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 3º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

H<sub>2.3</sub> - Conforme os resultados apresentados na tabela 6, a análise de variância para testagem do efeito de interação das variáveis pré-escolar e nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,942. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a H<sub>0</sub><sub>2.3</sub> foi aceita o que indica que não existe interação significativa entre o nível sócio-econômico e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 3º teste dos Testes ABC.

Resultados da  $H_2$  para o 4º teste dos Testes ABC

Na tabela 7 encontram-se os resultados da análise de variância para o 4º teste dos Testes ABC.

TABELA 7 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 4º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	0,23	1	0,23	0,766	Não
Nível sócio-econ.	0,23	1	0,23	0,766	Não
Interação	0,19	1	0,19	0,633	Não
Entre grupos	0,65	3	0,21		
Dentro dos grupos	20,47	68	0,30		
T o t a l	21,12	71			

$H_{2.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 7, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 0,766. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.1}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 4º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentam e que não frequentam o pré-escolar.

$H_{2.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 7, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,766. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2}$  foi aceita, o que indica que não existe uma

diferença significativa entre os escores obtidos no 4º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 7, a análise de variância para testagem do efeito de interação das variáveis pré-escolar e nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,633. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.3}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 4º teste dos Testes ABC.

#### Resultados da $H_2$ para o 5º teste dos Testes ABC

Na tabela 8 encontram-se os resultados da análise de variância para o 5º teste dos Testes ABC.

TABELA 8 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 5º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolar	0,13	1	0,13	0,250	Não
Nível sócio-econ.	0,01	1	0,01	0,019	Não
Interação	1,10	1	1,10	2,115	Não
Entre grupos	1,24	3	0,41		
Dentro dos grupos	35,64	68	0,52		
Total	36,88	71	-	-	

$H_{2.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 8, a análise de variância para testagem do efeito principal de variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 0,250. O F da tabela de valores

críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.1}}$  foi aceita, o que significa que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 5º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de alto e baixo nível sócio-econômico.

$H_{2.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 8, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 0,019. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.2}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 5º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 8, a análise de variância para testagem do efeito de interação das variáveis pré-escolar e nível sócio-econômico resultou num valor F de 2,115. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.3}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 5º teste dos Testes ABC.

#### Resultado da $H_2$ para o 6º teste dos Testes ABC.

Na tabela 9 encontram-se os resultados da análise de variância para o 6º teste dos Testes ABC.

TABELA 9 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 6º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	0,89	1	0,89	2,282	Não
Nível sócio-econ.	0,48	1	0,48	1,230	Não
Interação	0,06	1	0,06	0,153	Não
Entre grupos	1,43	3	0,47		
Dentro dos grupos	27,02	68	0,39		
T o t a l	28,45	71			

$H_{2.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 9, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 2,282. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2.1}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 6º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar.

$H_{2.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 9, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 1,230. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2.2}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 6º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 9, a análise de variância para a testagem do efeito de interação entre as variáveis pré-escolar e nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,153. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.3}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 6º teste dos Testes ABC.

Resultados da  $H_2$  para o 7º teste dos Testes ABC.

Na tabela 10 encontram-se os resultados da análise de variância para o 7º teste dos Testes ABC.

TABELA 10 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 7º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	1,67	1	1,67	3,980	Sim **
Nível sócio-econ.	1,13	1	1,13	2,690	Não
Interação	0,12	1	0,12	0,285	Não
Entre grupos	2,92	3	0,97		
Dentro dos grupos	28,96	68	0,42		
T o t a l	31,88	71			

$\alpha$  0,05 para 1 e 69 GL = 3,98

\*\* significativa ao nível de 0,05

$H_{2.1}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 10, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 3,980. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é igual ao F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.1}}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 7º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.

$H_{2.2}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 10, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 2,690. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.2}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença entre os escores obtidos no 7º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 10, a análise de variância para testagem do efeito de interação entre as variáveis pré-escolar e nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,285. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0_{2.3}}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 7º teste dos Testes ABC.

#### Resultados da $H_2$ para o 8º teste dos Testes ABC.

Na tabela 11 encontram-se os resultados da análise de variância para o 8º teste dos Testes ABC.

TABELA 11 - Resultados da análise de variância aplicada aos escores obtidos no 8º teste dos Testes ABC.

Fonte	SQ	GL	MQ	F	Significância
Pré-escolaridade	0,12	1	0,12	0,292	Não
Nível sócio-econ.	1,68	1	1,68	4,097	Sim **
Interação	0,12	1	0,12	0,292	Não
Entre grupos	1,92	3	0,64		
Dentro dos grupos	28,07	68	0,41		
T o t a l	29,99	71			

$\alpha$  0,05 para 1 e 68 GL = 3,98

\*\* significante ao nível de 0,05

H<sub>2.1</sub> - Conforme os resultados apresentados na tabela 11, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável pré-escolaridade sobre a prontidão resultou num valor F de 0,292. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a H<sub>0.1</sub> foi aceita, o que significa que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 8º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos que não frequentaram o pré-escolar.

H<sub>2.2</sub> - Conforme os resultados apresentados na tabela 11, a análise de variância para testagem do efeito principal da variável nível sócio-econômico sobre a prontidão resultou num valor F de 4,097. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto o F calculado é maior que o F tabelado. Dessa forma a H<sub>0.2</sub> foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos no 8º teste dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pe-

los sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

$H_{2.3}$  - Conforme os resultados apresentados na tabela 11, a análise de variância para testagem do efeito de interação entre as variáveis pré-escolaridade e nível sócio-econômico resultou num valor F de 0,292. O F da tabela de valores críticos para um  $\alpha$  de 0,05 e 1 e 68 GL é 3,98. Portanto, o F calculado é menor que o F tabelado. Dessa forma a  $H_{0.2.3}$  foi aceita, o que indica que não existe uma interação significativa entre o nível sócio-econômico dos sujeitos e a frequência ao pré-escolar, com relação aos escores obtidos no 8º teste dos Testes ABC.

### Resultado da $H_3$

$H_3$  Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativo às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e da escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e pelos que não frequentaram o pré-escolar, de alto e baixo nível sócio-econômico.

Os resultados da  $H_3$  e das subhipóteses  $H_{3.1}$ ,  $H_{3.2}$ ,  $H_{3.3}$  e  $H_{3.4}$  encontram-se na tabela 12.

TABELA 12 - Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos no Questionário I pelos pais dos sujeitos.

Hipótese	Nível sócio-econ.	Freq. ao pré-esc.	n	$\bar{x}$	S	t	Sig.
H <sub>3.1</sub>	Alto	Sim	16	35,75	9,509	2.609	Sim **
	Alto	Não	15	27,80	6,615		
H <sub>3.2</sub>	Baixo	Sim	12	27,42	11,161	-1.970	Não
	Baixo	Não	15	35,40	9,156		
H <sub>3.3</sub>	Alto	Sim	16	35,75	9,50	2,056	Sim **
	Baixo	Sim	12	27,42	11,16		
H <sub>3.4</sub>	Alto	Não	15	27,8	6,61	-2.530	Sim **
	Baixo	Não	15	35,4	9,15		

$\alpha$  0,05 para 29 GL = 2,045

$\alpha$  0,05 para 26 GL = 2,056

$\alpha$  0,05 para 28 GL = 2,048

\*\* significativa ao nível de 0,05.

H<sub>3.1</sub> - Conforme a tabela 12, o t calculado para H<sub>3.1</sub> foi 2.609. O t da tabela de Fisher para um  $\alpha$  de 0,05 e 29 GL é 2.045. Portanto o t calculado é maior que o t tabelado. Dessa forma a H<sub>0.3.1</sub> foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.

H<sub>3.2</sub> - Conforme a tabela 12, o t calculado foi -1,970. O t da tabela de Fisher para um  $\alpha$  de 0,1 e 25 GL é 1,708. Portanto o t calculado é menor que o t tabelado. Dessa forma a H<sub>0.3.2</sub> foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais

no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e da escrita realizadas em casa, pelos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, de nível sócio-econômico baixo.

$H_{3.3}$  - Conforme a tabela 12, o  $t$  calculado foi 2,056. O  $t$  da tabela de Fisher para um  $\alpha$  de 0,05 e 26 GL é 2,056. Portanto o  $t$  calculado é igual ao  $t$  tabelado. Dessa forma, a  $H_{0.3.3}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo que frequentaram o pré-escolar.

$H_{3.4}$  - Conforme a tabela 12, o  $t$  calculado foi -2,530. O  $t$  da tabela de Fisher para um  $\alpha$  de 0,1 e 28 GL é 1,701. Portanto o  $t$  calculado é maior que o  $t$  tabelado. Dessa forma a  $H_{0.3.4}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades relacionadas com a aprendizagem da leitura e escrita realizadas em casa, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo que não frequentaram o pré-escolar.

#### Resultados da $H_4$

$H_4$  Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa relacionadas com cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.

Os resultados da  $H_4$  para cada um dos 8 testes dos Testes ABC encontram-se na tabela 13.

TABELA 13 - Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos no Questionário I, pelos pais dos sujeitos que frequentaram e que não frequentaram o pré-escolar, nas questões relativas a cada um dos 8 testes dos Testes ABC.

teste	Freq. ao pré-esc.	n	$\bar{x}$	S	t	Significância
1	Sim	28	5,82	1,685	-0,629	Não
	Não	30	6,16	2,294		
2	Sim	28	4,78	1,540	1,159	Não
	Não	30	4,33	1,371		
3	Sim	28	5,17	2,715	0,525	Não
	Não	30	4,86	1,603		
4	Sim	28	2,85	0,834	1,213	Não
	Não	30	2,56	0,775		
5	Sim	28	5,00	1,669	0,643	Não
	Não	30	4,70	1,810		
6	Sim	28	2,32	1,134	1,678	Não
	Não	30	1,83	1,063		
7	Sim	28	3,46	1,613	-0,656	Não
	Não	30	3,73	1,464		
8	Sim	28	4,42	2,288	1,714	Não
	Não	30	3,40	2,169		

Resultados da  $H_4$  para as questões relativas aos 8 testes dos Testes ABC.

Conforme a tabela 13, o t calculado não foi significativo para as questões relativas aos 8 testes. Dessa forma, para tais questões,  $H_{04}$  foi aceita, o que indica que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa, relacionadas com os 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos que frequentaram e pelos sujeitos que não frequentaram o pré-escolar.

Resultados da  $H_5$

$H_5$  Existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa relacionadas com cada um dos 8 testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

Os resultados da  $H_5$  para cada um dos 8 testes dos Testes ABC encontram-se na tabela 14.

TABELA 14 - Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos no Questionário I, pelos pais dos sujeitos de nível sócio-econômico alto e baixo, nas questões relativas a cada um dos 8 testes dos Testes ABC.

teste	nível sócio-econômico	n	$\bar{x}$	S	t	Sig.
1	Alto	31	5,61	2,104	-1,548	Não
	Baixo	27	6,44	1,891		
2	Alto	31	4,29	1,668	-1,450	Não
	Baixo	27	4,85	1,144		
3	Alto	31	4,54	2,315	-2,805	Sim**
	Baixo	27	5,55	2,161		
4	Alto	31	2,71	0,848	0,005	Não
	Baixo	27	2,70	0,974		
5	Alto	31	4,45	1,640	-1,854	Não
	Baixo	27	5,29	1,758		
6	Alto	31	2,32	1,067	2,044	Sim**
	Baixo	27	1,77	0,935		
7	Alto	31	3,61	1,619	0,047	Não
	Baixo	27	3,59	1,543		
8	Alto	31	3,83	2,228	-0,213	Não
	Baixo	27	3,96	2,348		

$\alpha$  0,05 para 56 GL = 2,004

\*\* significativa ao nível de 0,05

Resultados da  $H_5$  para as questões relativas ao 1º, 2º, 4º, 5º, 7º e 8º testes dos Testes ABC.

Conforme a tabela 14, o t calculado não foi significativo para as questões relativas ao 1º, 2º, 4º, 5º, 7º e 8º testes. Dessa forma, para tais questões, a  $H_{05}$  foi aceita, o que significa que não existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa, relacionadas com o 1º, 2º, 4º, 5º, 7º e 8º testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

Resultados da  $H_5$  para as questões relativas ao 3º e 6º testes dos Testes ABC.

Conforme a tabela 14, o t calculado foi 2,044. O t da tabela de Fisher para um  $\alpha$  de 0,05 e 56 GL é 2,004. Portanto, o t calculado é maior que o t tabelado. Dessa forma a  $H_{05}$  foi rejeitada, o que indica que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais no Questionário I, relativos às atividades realizadas em casa, relacionadas com o 3º e 6º testes dos Testes ABC, pelos sujeitos de nível sócio-econômico alto e pelos sujeitos de nível sócio-econômico baixo.

## CAPÍTULO V

### ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

A análise será feita a partir da apresentação dos principais resultados encontrados na pesquisa, seguidos de análises estatísticas adicionais, apresentadas nas tabelas suplementares n<sup>os</sup> 15,16 e 17. Tais análises foram feitas com o objetivo de aprofundar os resultados e melhor justificar as conclusões da pesquisa. Os resultados mais importantes a que se chegou são os seguintes:

- (1). A pré-escolaridade influi nos índices de prontidão apresentados pelas crianças, no início da primeira série do 1<sup>o</sup> Grau.

Foi constatada através de análise de variância (tabela 3) que os sujeitos que frequentaram a pré-escola apresentaram resultados significativamente mais elevados, comparados aos escores alcançados pelos sujeitos que não frequentaram as classes de pré-escolar. Com o objetivo de esclarecer qual ou quais os grupos da pesquisa que foram responsáveis pelas diferenças significativas encontradas, foram feitas todas as possibilidades de cruzamento entre os 4 grupos, aplicando-se o teste t de Student (Ary et alii, 1974), conforme está explicitado na tabela 15. Acrescentou-se, para complementar os resultados da tabela 15, uma nova tabela, a de número 16, que apresenta resultados dos Testes ABC em termos de número e percentagem de sujeitos, segundo os 4 níveis de prontidão alcançados. Estes 4 níveis são explicados logo abaixo da tabela 16.

Tabela 15 - Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos nos Testes ABC.

Nº de Análises	NSE	Freq. ao Pré-esc.	n	$\bar{x}$	S	t	Sig.
1	Alto	Sim	18	14,0	2,166	1,696	Não
	Alto	Não	18	13,38	1,669		
2	Baixo	Sim	18	13,44	2,691	2,875	Sim*
	Baixo	Não	18	11,16	1,891		
3	Alto	Sim	18	14,50	2,166	1,272	Não
	Baixo	Sim	18	13,44	2,691		
4	Alto	Não	18	13,38	1,669	3,651	Sim***
	Baixo	Não	18	11,16	1,891		
5	Alto	Sim	18	14,50	2,166	4,819	Sim***
	Baixo	Não	18	11,16	1,891		
6	Alto	Não	18	13,38	1,669	-0,078	Não
	Baixo	Sim	18	13,44	2,691		

$\alpha$ 0,01 para 34 GL = 2,728

$\alpha$ 0,001 para 34 GL = 3,605

\* significante ao nível de 0,01

\*\*\* significante ao nível de 0,001

Conforme os resultados da tabela 15 constatou-se que:

- (a) Os resultados do cruzamento entre os grupos de NSE baixo, com e sem pré-escolaridade, foram estatisticamente significativos ao nível de 0,01, em favor do grupo com pré-escolaridade (tabela 15, análise 2). Complementando estes resultados, na tabela 16 apresenta-se o número e percentagem de sujeitos dos 4 grupos, distribuídos segundo os níveis de prontidão apresentados.

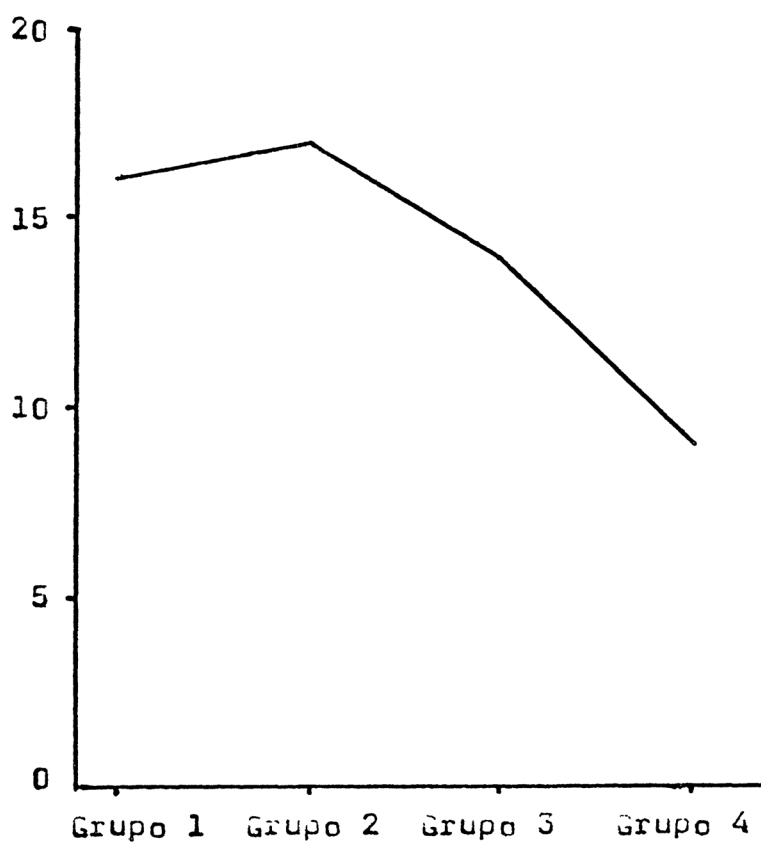
Tabela 16 - Percentagem dos escores obtidos nos Testes ABC , segundo o grau de facilidade para a aprendizagem da leitura e escrita.

Total de Pontos (a)	NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO								TOTAL	
	ALTO				BAIXO					
	COM	PRÉ	SEM	PRÉ	COM	PRÉ	SEM	PRÉ	n	%
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
17 - 24 (b)	3	16,7	-	-	1	5,6	-	-	4	5,6
12 - 16 (c)	13	72,2	17	94,4	13	72,2	9	50,0	52	72,2
8 - 11 (d)	2	11,1	1	5,6	4	22,2	9	50,0	16	22,2
abaixo de 7 (e)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	18	100,0	18	100,0	18	100,0	18	100,0	72	100,0

- (a) Lourenço Filho (1974) p.135
- (b) escore indicativo de que a criança aprenderá a ler e escrever em um semestre letivo, sem dificuldade.
- (c) escore indicativo de que a criança aprenderá a ler e escrever em um ano letivo, sem dificuldade.
- (d) escore indicativo de que a criança não aprenderá a ler e escrever em um ano letivo, e necessitará de maiores cuidados.
- (e) escore indicativo de que a criança necessitará atenção especial além do ensino escolar comum, recomendando-se exames complementares de saúde, nível mental e estabilidade emocional.

Como se observa, na tabela 16 os resultados encontrados pela aplicação do teste t são aqui confirmados pela alta percentagem de sujeitos de NSE baixo com pré-escolaridade que apresentaram índices de prontidão adequados - 77,8%, contra apenas 50,0% do grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (tabela 16). Da mesma forma, pode-se verificar na figura 1 que o declínio da curva entre os grupos 3 e 4 indica uma acentuada diferença no número de sujeitos com prontidão entre os grupos com e sem pré-escolaridade, de NSE baixo.

Figura 1 - Número de sujeitos que apresentaram prontidão para alfabetização em um ano letivo.



Grupo 1 - MSE alto com pré-escolaridade  
Grupo 2 - MSE alto sem pré-escolaridade  
Grupo 3 - MSE baixo com pré-escolaridade  
Grupo 4 - MSE baixo sem pré-escolaridade

— prontidão

Estes resultados levam a concluir, de maneira evidente, sobre a influência da pré-escolaridade sobre os índices de prontidão apresentados pelas crianças que frequentaram classes de pré-escolar, quando testadas no início da 1ª série do 1º Grau.

(2). O NSE afeta os índices de prontidão apresentados pelas crianças, no início da 1ª série do 1º Grau.

De acordo com os resultados da análise de variância (tabela 3) verificou-se que os sujeitos de NSE alto apresentaram resultados estatisticamente superiores quando comparados aos resultados obtidos pelos sujeitos de NSE baixo. Através da aplicação do teste t para todas as combinações possíveis entre os quatro grupos (tabela 15), constatou-se que:

- (a) Os resultados do cruzamento dos grupos de NSE alto e de NSE baixo, ambos sem pré-escolaridade, foram estatisticamente significativos ao nível de 0,001, em favor do grupo de NSE alto (tabela 15, análise 4). Este resultado também foi confirmado pela percentagem de sujeitos de NSE alto sem pré-escolaridade que apresentaram índices adequados de prontidão - 94,4% -, contra apenas 50,0% do grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (tabela 16). Este mesmo resultado aparece no gráfico (figura 1) cuja curva decai especialmente em função dos grupos 2 e 4.

Os resultados acima expostos permitem concluir, de modo claro, a influência do NSE baixo sobre a prontidão, no sentido de que as crianças de NSE alto acham-se mais bem preparadas para alfabetização, em relação às crianças de NSE baixo.

(3). A pré-escolaridade não afeta os índices de prontidão do grupo de NSE alto, porém afeta os índices de prontidão do grupo de NSE baixo.

Chegou-se à conclusão que a pré-escolaridade não afeta de modo significativo a prontidão do grupo de NSE alto, através da aplicação do teste t aos escores obtidos nos Testes ABC pelos sujeitos de NSE alto com

e sem pré-escolaridade (tabela 15, análise 1). Constatou-se, nessa análise, um resultado não significativo. Porém, comparando-se os escores entre os grupos de NSE baixo, com e sem pré-escolaridade, verificou-se diferença significativa ao nível de 0,01 (tabela 15, análise 2). Por estes resultados comprovou-se a influência positiva da pré-escola para as crianças de NSE baixo, mas não para as de NSE alto. No entanto, as análises estatísticas da tabela 15 levam a outra importante conclusão: apesar de se ter observado uma diferença altamente significativa, ao nível de 0,001 (tabela 15, análise 4) favorável ao NSE alto sem pré quando comparado ao NSE baixo igualmente sem pré, verificou-se através das análises 6 e 3, que as crianças de NSE baixo, quando frequentam classes de pré-escolar, passam a apresentar resultados não só semelhantes às crianças de NSE alto sem pré-escolaridade, mas também às crianças de NSE alto com pré-escolaridade.

Os resultados acima descritos podem ser igualmente observados: na tabela 16, onde a percentagem de sujeitos de NSE alto com e sem pré-escolaridade, com índice adequado de prontidão, apresenta uma variação insignificante de apenas 5,5%, ou seja, 88,9% com pré estão prontos para serem alfabetizados no prazo máximo de um ano, contra 94,4% sem pré, nessa mesma condição. Esta mesma comparação, feita entre os dois grupos de NSE baixo, aponta uma variação acentuadamente maior, de 27,8%, ou seja, 77,8% do grupo com pré-escolaridade poderá ser alfabetizado em um ano, contra apenas 50,0% do grupo sem pré-escola. No entanto, quando se compara o grupo com pré, de NSE baixo e o grupo com pré, de NSE alto, a variação na percentagem é de apenas 11,1%, ou seja, 88,9% do grupo de NSE alto pode ser alfabetizado dentro do prazo de um ano, contra 77,8% do grupo de NSE baixo (tabela 16).

Os resultados apresentados nas tabelas 15 e 16 permitem, portanto, concluir que a pré-escola não afeta significativamente o índice de prontidão da criança de NSE alto, porém afeta, de modo positivo e decisivo, os índices de prontidão de crianças de NSE baixo.

- (4). Os dois fatores que diferenciam os escores de prontidão entre os dois grupos com pré-escolaridade e os dois grupos sem pré-escolaridade, são os fatores relacionados com os testes 1 e 7, dos Testes ABC.

Os dois fatores que promovem a diferença significativa entre os grupos que frequentaram e que não frequentaram a pré-escola se evidenciaram como aqueles ligados diretamente aos testes 1 e 7. O teste 1, consta da cópia de três figuras e mede a coordenação visual-motora. O teste 7, que consiste de recorte em papel, mede igualmente a coordenação visual - motora além de testar o índice de fatigabilidade e o índice de atenção dirigida (quadro 5).

De acordo com os resultados da análise de variância (tabela 4) verificou-se que os sujeitos com pré-escolaridade (NSE alto e baixo) apresentaram resultados estatisticamente mais altos ao nível de 0,01, quando comparados aos resultados obtidos pelos sujeitos sem pré-escolaridade (NSE alto e baixo), no teste 1. Da mesma forma a análise de variância (tabela 10) indicou um valor significativamente mais alto, ao nível de 0,05, para os grupos com pré-escolaridade, em comparação com os sem pré-escolaridade, no teste 7.

Estes resultados, de per si permitem concluir que as habilidades do teste 1 e 7 são as mais deficientes apresentadas pelos grupos sem pré-escolaridade (grupos 2 e 4). No entanto, para efeito de maior precisão nas conclusões, buscou-se identificar se ambos os grupos sem pré-escolaridade (grupos 2 e 4) estariam apresentando deficiência igualmente acentuada quanto aos fatores acima descritos, relacionados aos testes 1 e 7. Procedeu-se então à aplicação do teste t entre os escores dos dois grupos, NSE alto e NSE baixo sem pré-escolaridade. O resultado final encontra-se na tabela 17.<sup>(a)</sup>

(a) Na tabela 17 encontram-se, igualmente, os valores de t relativos aos testes 3 e 8 do ABC, os quais apresentam resultados significativos quanto à variável NSE. Esses resultados serão analisados posteriormente.

Tabela 17 - Resultados da aplicação do teste t de Student aos escores obtidos nos testes 1, 3, 7 e 8 dos Testes ABC.

Testes	Combinação dos Grupos											
	1 - 2		3 - 4		1 - 3		2 - 4		1 - 4		2 - 3	
	t	sig.	t	sig.	t	sig.	t	sig.	t	sig.	t	sig.
1	1,950	Não	2,475	Sim**	0,696	Não	2,059	Sim**	3,443	Sim	0,901	Não
3	0,717	Não	2,083	Sim**	1,106	Não	2,918	Sim*	3,598	Sim*	0,450	Não
7	2,254	Sim**	1,121	Não	2,129	Sim**	0,821	Não	2,641	Sim**	0,300	Não
8	0,000	Não	0,850	Não	0,000	Não	2,267	Sim**	1,756	Não	1,271	Não

$\alpha$  0,01 para 34 GL = 2,728

$\alpha$  0,05 para 34 GL = 2,033

\* significativa ao nível de 0,01

\*\* significativa ao nível de 0,05

Grupo 1 - NSE alto com pré-escolaridade

Grupo 2 - NSE alto sem pré-escolaridade

Grupo 3 - NSE baixo com pré-escolaridade

Grupo 4 - NSE baixo sem pré-escolaridade

Teste 1: conforme os resultados apresentados na tabela 17, referentes ao teste 1, o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) foi o que apresentou resultados significativamente inferiores quando comparado ao grupo de NSE alto sem pré-escolaridade (grupo 2), além de ter apresentado escores significativamente mais baixos nas duas outras possíveis combinações (combinações 1-4 e 3-4). Este fato não ocorreu com o grupo de NSE alto sem pré-escolaridade (grupo 2) cujos escores, além de serem significativamente mais elevados com relação ao grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (ver combinação 2-4), não apresentaram diferença significativa quando comparados aos escores dos dois grupos com pré-escolaridade (ver combinações 1-2 e 2-3).

Estas verificações permitem concluir que os sujeitos do grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) apresentam sérias deficiências quanto ao fator "Coordenação visual-motora", medido pelo teste 1.

Teste 7: conforme os resultados apresentados na tabela 17, referentes ao teste 7, o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) não apresentou diferença significativa com relação ao grupo de NSE alto sem pré-escolaridade (ver combinação 2-4). Além disso não apresentou também diferença significativa com relação ao grupo de NSE baixo com pré-escolaridade (ver combinação 3-4). Somente quando comparado ao grupo NSE alto com pré-escolaridade (grupo 1) é que o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) apresentou escores significativamente mais baixos ao nível de 0,05 (ver combinação 1-4). Exatamente os mesmos resultados foram constatados com relação ao grupo de NSE alto sem pré-escolaridade (grupo 2): não apresentou diferença significativa com relação ao grupo de NSE baixo com pré-escolaridade (ver combinação 2-3); não apresentou diferença significativa com relação ao grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (combinação 2-4); somente quando comparado ao grupo de NSE alto com pré-escolaridade (grupo 1) é que apresentou escores significativamente mais baixos ao nível de 0,05 (ver combinação 1-2).

Desta forma ficou estabelecida a semelhança dos dois grupos sem pré-escolaridade (grupos 2 e 4) no que se refere aos escores obtidos no teste 7, o que indica que ambos se equivalem nas deficiências quanto aos índices de fatigabilidade e atenção dirigida; porém, com relação ao fator "coordenação visual-motora" medido pelo teste 1, o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) apresenta deficiências mais acentuadas que o grupo de NSE alto sem pré-escolaridade (grupo 2).

As análises sobre os escores dos testes 1 e 7 acima descritas, indicam claramente que o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade, pelos baixos escores apresentados, é o grupo responsável pela diferença significativa encontrada nas análises de variância (tabelas 4 e 10), a favor dos

grupos com pré-escolaridade. As análises sobre os testes 1 e 7 permitem, igualmente concluir que as crianças de NSE baixo, especialmente as sem pré-escolaridade, apresentam deficiências sensivelmente acentuadas com referência à coordenação visual-motora (teste 1), como também demonstram um baixo índice de fatigabilidade e de atenção dirigida (teste 7), fatores estes que sem dúvida dificultam grandemente ou talvez até impossibilitem, a aprendizagem da leitura e escrita.

- (5). Os dois fatores que diferenciam os escores de prontidão entre os dois grupos de NSE alto e os dois grupos de NSE baixo, são os fatores relacionados com os testes 3 e 8, dos Testes ABC.

Os dois fatores que promovem a diferença significativa entre os grupos de NSE alto e baixo, são aqueles ligados diretamente aos testes 3 e 8. O teste 3 consiste na reprodução motora e gráfica de três movimentos diferentes, e avalia tanto a coordenação visual-motora quanto a capacidade de resistir à inversão na cópia de figuras. O teste 8 consiste de pontilhagem em papel quadriculado e mede, de modo específico, o índice de fatigabilidade e o de atenção dirigida (quadro 5).

De acordo com os resultados obtidos na análise de variância (tabela 6), verificou-se que os sujeitos de NSE alto (com e sem pré-escolaridade) apresentaram resultados significativamente mais altos, ao nível de 0,05, quando comparados aos sujeitos de NSE baixo (com e sem pré-escolaridade), no teste 3. Da mesma forma, a análise de variância (tabela 10) indicou um valor significativamente mais alto, ao nível de 0,05, favorável aos sujeitos de NSE alto quando comparados aos resultados obtidos pelos sujeitos de NSE baixo no teste 8. Estes resultados constatados permitem, por si mesmos, concluir que nestes dois testes encontram-se as deficiências mais acentuadas apresentadas pelos dois grupos de NSE baixo (grupos 3 e 4). No entanto, para se concluir sobre bases mais precisas, procurou-se identificar se

ambos os grupos de NSE baixo (com e sem pré-escolaridade) apresentaram deficiência igualmente acentuada quanto aos fatores descritos acima, relacionados com os testes 3 e 8. Aplicou-se, então, o teste t entre os escores dos dois grupos, NSE baixo com pré-escolaridade (grupo 3) e NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4). O resultado encontra-se na tabela 17.

Teste 3: conforme os resultados apresentados na tabela 17, referentes ao teste 3, o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) apresentou resultados significativamente mais baixos ao nível de 0,05, quando comparado ao grupo de NSE baixo com pré-escolaridade (grupo 3), além de ter apresentado escores significativamente mais baixos nas duas outras possíveis combinações (combinações 2-4 e 1-4). Este fato não ocorreu com o grupo de NSE baixo com pré-escolaridade (grupo 3) cujos escores, além de serem significativamente mais altos que os escores do grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (combinação 3-4), não apresentaram diferença significativa quando comparados aos dois grupos de NSE alto (ver combinações 1-3 e 2-3).

As contatações acima feitas permitem concluir que os sujeitos do grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) apresentam sérias deficiências quanto aos fatores "resistência à inversão na cópia de figuras" e "coordenação visual-motora". A deficiência neste último fator vem reafirmar as condições a que já se havia chegado sobre este mesmo grupo ( grupo 4) , quando se fez a análise sobre o teste 1, cujo conteúdo - cópia de figuras - testa igualmente o fator "coordenação visual-motora".

Teste 8: conforme os resultados apresentados na tabela 17, referentes ao teste 8, o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) além de não ter apresentado diferença significativa quando comparado ao grupo de NSE baixo com pré-escolaridade (combinação 3-4), também não apresentou diferença significativa quando comparado ao grupo de NSE alto com pré-escolaridade (combinação 1-4). Somente quando comparado ao grupo de NSE alto sem pré-escolaridade (grupo 2), o grupo de NSE baixo sem pré - escolaridade

apresentou resultados significativamente mais baixos ao nível de 0,05 (combinação 2-4). No entanto, o grupo de NSE baixo com pré-escolaridade (grupo 3), além de não apresentar diferença significativa quando comparado ao grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade (ver combinação 3-4), também não apresentou diferença significativa quando comparado aos outros dois grupos (ver combinações 1-3 e 2-3).

As análises sobre os escores obtidos nos testes 3 e 8 acima descritas, demonstram que o grupo de NSE baixo sem pré-escolaridade, pelos baixos escores apresentados, é o grupo responsável pela diferença significativa encontrada nas análises de variância (tabelas 6 e 11), a favor dos grupos de NSE alto. Através da análise dos escores obtidos nos testes 3 e 8 pode-se igualmente concluir que as crianças de NSE baixo, especialmente as sem pré-escolaridade, apresentam sensivelmente deficientes no que diz respeito à coordenação visual-motora, à resistência à inversão na cópia de figuras, como também evidenciam baixos índices de fatigabilidade e de atenção dirigida. Como já se comentou com relação aos testes 1 e 7, estas são capacidades essenciais para o aprendizado da leitura e escrita que dificultam, ou até mesmo impossibilitam a alfabetização.

Conclusão final sobre os testes 1, 3, 7 e 8. Sobre todas as constatações feitas a respeito dos testes 1, 3, 7 e 8, pode-se concluir que os grupos de NSE baixo e, dentre eles, o que não frequentou classes de pré-escolar, são os que, maiores e mais sérias deficiências apresentam quanto à prontidão para a alfabetização. Portanto, são estas crianças que devem, prioritariamente, receber atendimento pré-escolar. São as suas deficiências e necessidades que devem pautar a tomada de decisões quanto ao currículo do pré-escolar.

- (6). Não existe interação entre pré-escolaridade e NSE no que diz respeito aos índices de prontidão.

Chegou-se à conclusão que não há interação significativa entre as variáveis pré-escolaridade e NSE, de acordo com a análise de variância (tabela 3). Da mesma forma não se constatou interação significativa nas análises de variância para cada um dos oito testes dos Testes ABC (ver tabelas 4 a 11). Isto significa que tanto a pré-escolaridade quanto ao NSE, isoladamente, suscitam diferenças significantes nas médias dos índices de prontidão (tabela 2), inclusive nas médias dos escores de cada um dos oito testes que compõem os testes ABC.

- (7). O grupo de crianças de NSE alto que frequentou o pré-escolar realiza, em casa, atividades relacionadas com a prontidão, com mais intensidade que as crianças dos demais grupos.

Apesar de se ter encontrado uma alta correlação quando foi aplicado um rho - coeficiente de correlação de Spearman - entre os escores obtidos pelo total de pais de NSE alto e de NSE baixo (quadro 8), o qual indicou um valor de +0,80, buscou-se estabelecer uma comparação entre os quatro grupos da pesquisa, isto é, subdividindo-se o grupo de pais de NSE alto em dois (pais de sujeitos com e sem pré-escolaridade) e adotando-se o mesmo procedimento com os pais de NSE baixo. Constatou-se, então, que os pais de sujeitos de NSE alto com pré-escolaridade obtiveram escores mais altos no Questionário I.

Através da aplicação de um teste t (tabela 12), verificou-se que existe uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais dos sujeitos de NSE alto com pré-escolaridade, no Questionário I, referente às atividades realizadas em casa, pelos filhos. Esse grupo de pais obteve escores significativamente mais elevados, ao nível de 0,05, quando comparado ao grupo de pais de NSE alto, cujos filhos não frequentaram pré-escola. Este

resultado pode indicar uma possível influência da pré-escolaridade no sentido de que a criança realiza na escola uma série de exercícios diferentes e interessantes, que antes não faziam parte de seu repertório. Tendo sua curiosidade desperta, é levada a repetir em cada estas mesmas atividades. Deve-se levar em conta igualmente, que o NSE alto dos pais permite a presença, em casa de inúmeros materiais tais como gravuras, tesoura, lápis de cor, etc., em quantidade maior que nos lares de NSE baixo.

Observou-se, no entanto, uma diferença significativa entre os escores obtidos pelos pais de NSE baixo, cujos filhos não frequentaram pré-escola, e os escores obtidos pais de NSE alto cujos filhos não frequentaram a pré-escola. Não se encontrou uma possível explicação para esta constatação, a não ser, talvez, que as perguntas do Questionário I, ou a maneira de respondê-las, não tenham ficado suficientemente claras para os pais de NSE baixo, cujo nível de escolaridade apresentado é sensivelmente inferior (ver anexo 2, quadro 2) ao dos pais de NSE alto (anexo 2 quadro 4), e que, por este motivo não apresentam capacidade de discriminação adequada.

Com respeito à análise feita sobre o Questionário I, para cada grupo de questões correspondentes a cada um dos 8 testes do ABC (conforme quadro 6), não se verificou um valor t significante (tabela 13). Parece, portanto, que de modo específico, para cada fator medido pelo ABC, a intensidade das atividades realizadas em casa não varia significativamente entre as crianças que frequentaram (NSE alto e baixo) e que não frequentaram (NSE alto e baixo) a pré-escola.

No entanto, quando se aplicou o teste t entre os escores obtidos em cada grupo de questões correspondentes a cada um dos 8 testes do ABC, pelos pais dos sujeitos de NSE alto (com e sem pré-escolaridade) e de NSE baixo (com e sem pré-escolaridade), verificou-se que a intensidade com que as atividades são realizadas em casa pelos sujeitos, varia significativamente ao nível de 0,05, a favor das crianças de NSE baixo (tabela 14). Este resultado foi constatado nos grupos de questões do Questionário I,

relativas aos testes 3 dos Testes ABC. Comparando-se estes resultados com os escores obtidos pelos sujeitos de NSE baixo no teste 3 dos Testes ABC (tabela 17), nota-se que o grupo de sujeitos de NSE baixo sem pré-escolaridade (grupo 4) obteve escores significativamente mais baixos quando comparado aos grupos de NSE alto (combinações 1-4 e 2-4). Este resultado obtido no ABC contradiz o resultado apresentado pelos pais de NSE baixo no Questionário I, com relação às questões correspondentes ao teste 3. Há três alternativas para explicar esta contradição: (1) Nos escores obtidos pelos pais no Questionário I, as respostas dadas pelos pais dos sujeitos de NSE baixo com pré-escolaridade afetou de forma significativa positiva os resultados globais relativos ao grupo de pais de NSE baixo. (2) As atividades realizadas em casa talvez não afetam de modo significativo os escores obtidos nos Testes ABC. (3) O baixo poder discriminatório ligado ao nível baixo de escolaridade dos pais motivou a distorção nas respostas dadas no Questionário I.

- (8). As atividades referentes, de modo mais específico, ao preparo para a alfabetização são programadas com igual intensidade nas escolas situadas em bairros de NSE alto e baixo.

Para verificar se houve diferença quanto à intensidade com que as atividades ligadas ao preparo para a alfabetização são programadas nas classes de pré-escolar, aplicou-se um teste t entre os escores obtidos pelas professoras de escolas situadas em bairros de NSE alto e baixo.

Tabela 18 - Resultados do teste t de Student aplicado aos escores obtidos pelas professoras no Questionário II.

Nº de escolas	NSE do bairro	n	$\bar{x}$	S	t	sig.
4	Alto	13	99,53	8,363	1,120	Não
4	Baixo	8	95,00	8,196		

Conforme os resultados apresentados na tabela 18, constatou - se que não há diferença significativa entre os escores obtidos pelas professoras das escolas de bairros de NSE alto e baixo, ou seja, as atividades são programadas com igual intensidade nas classes de pré-escolar existentes nas escolas dos bairros de NSE alto e baixo. Além deste resultado buscou-se também verificar se há uma concordância entre as professoras com respeito à posição alcançada pelos escores de cada uma das 31 atividades retratadas nos 31 itens do Questionário II (quadro 9). Aplicando-se um rho - coeficiente de correlação de Spearman - verificou-se uma correlação de +0,84 a qual permitiu concluir que as 31 atividades merecem a mesma atenção quanto a sua programação, tanto nas escolas de bairros de NSE alto quanto nas de bairros de NSE baixo.

Para completar a análise, aplicou-se um teste t entre os escores obtidos pelas professoras das escolas de bairros de NSE alto e baixo, sobre cada um dos itens do Questionário II, referentes a cada um dos 8 testes do ABC (quadro 7 - ver também quadro 9). Não se verificou nenhum resultado significativo, concluindo-se daí que todos os fatores básicos de maturidade para a alfabetização (medidos pelos Testes ABC) estão sendo exercitados da mesma maneira nas escolas de bairros de NSE alto e baixo.

Após esta análise exhaustiva sobre os escores obtidos no Questionário II pode-se concluir que não há diferença quanto à intensidade e abrangência das atividades mais diretamente ligadas à alfabetização, programadas nas classes de pré-escolar das escolas de bairros de NSE alto e baixo.

## CAPÍTULO VI

### IMPLICAÇÕES DA PESQUISA E RECOMENDAÇÕES

No decorrer da pesquisa tornou-se evidente a influência da pré-escolaridade e do nível sócio-econômico sobre os índices de prontidão, como também a importância capital da pré-escolaridade para as crianças de NSE baixo. Em vista disso, a primeira implicação deste estudo é que se dilate ao máximo, e a curto prazo, as oportunidades de atendimento pré-escolar gratuito para o maior número possível de crianças de NSE baixo. Uma segunda implicação refere-se ao aperfeiçoamento do currículo pré-escolar com base nas conclusões deste estudo e de muitos outros apontados na revisão de literatura. Uma terceira implicação diz respeito à urgência de novas pesquisas que auxiliem na caracterização da população de NSE baixo, dentro da faixa de 6 a 7 anos incompletos. Através destas pesquisas se obterá um maior número de subsídios, os quais possibilitarão o aperfeiçoamento e atualização do currículo pré-escolar com vistas a atender, de maneira mais real, as necessidades evidenciadas pelas crianças de NSE baixo.

#### Recomendações

Tendo em vista as conclusões a que se chegou no decorrer da pesquisa, sugere-se: (1) Elaboração de um estudo de acompanhamento, por dois anos, das crianças da amostra desta pesquisa, com o intuito de se estabelecer uma relação entre as conclusões a que se chegou no presente e os índices de aprovação, repetência e evasão a serem constatados no final da 1ª e 2ª séries do 1º Grau. (2) Elaboração e execução de um programa intensivo de recuperação dos possíveis repetentes e evadidos, de acordo com os índices a serem verificados no final da 1ª série do 1º Grau. Os resultados deste programa poderão ser constatados no decurso e ao final do ano seguinte.

(3) Estruturar nova pesquisa, em moldes semelhantes a esta, que inclua na amostra dois grupos de sujeitos de NSE médio, com e sem pré - escolaridade.

(4) Intensificação, nas classes de pré-escolar, de atividades específicas para o desenvolvimento da coordenação visual-motora, como também de exercícios que elevem os índices de fatigabilidade e de atenção dirigida, por serem estes os fatores que se evidenciam mais deficientes nas crianças de NSE baixo.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, G. S. Medición y Evaluación en Educación, Psicología y "Guidance". Barcelona, Editorial Herder, 1970. 820p.
- ALVES, E. L. G. Desnutrição e Pobreza no Brasil: algumas evidências. Cad. Pesq. São Paulo, (29): 77-86, jun. 1979.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA FUNDAÇÃO IBGE. Rio de Janeiro, 1975.
- ARY, D.; JACOBS, L. C.; RAZAVIEH, A. Introduction to Research in Education. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972. 378p.
- BAZÍLIO, L. C. Pré-escolar na política educacional. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo, 1980. /resumo 104-B.6. /Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul.1980.
- BONAMIGO, E. M. de R. & BRISTOTTI, N. C. P. Enriquecimento verbal em crianças marginalizadas. Cad. Pesq. São Paulo (24): 25-39, mar.1978.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Departamento de Ensino de 1º Grau. Coordenação de Educação Pré-Escolar. Atendimento ao pré-escolar. V.1. 1977.
- BROLLO, N. & AZEVEDO, J. B. C. Experiência pré-escolar e rendimento escolar na 1ª série. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. 1980. São Paulo, /resumo 93-B.6 /Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul. 1980.
- CAMPOS, M. M. M. Assistência ao pré-escolar: uma abordagem crítica. Cad. Pesq. São Paulo, (28): 53-9, mar.1979.
- CAMPOS, D. M. S. Que fatores são responsáveis pela reprovação na escola primária brasileira? Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura /Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, nov. 1960. 65p.
- CURITIBA. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano. Projeto CURA. Planta preliminar de arruamento, Curitiba e arredores; renda média familiar. 1979. /mapa/.
- DANTAS, J. B. Efeitos da estimulação escolar na realização de crianças em vários estados nutricionais. Cad. Pesq. São Paulo, (29): 97-109, jul. 1979.
- DIDONET, V. Subsídios a uma política educacional para o pré-escolar. Brasília, 1977. /Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Brasília.
- FERRARI, A. R. Nível de qualificação do professor e rendimento escolar na 1ª série primária. Est. Leopoldenses, São Leopoldo, (26): 61-92, 1973.

- FERREIRA, I. L. & CALDAS, S. P. S. Atividades na pré-escola. 2ed. São Paulo, Saraiva, 1980. 385p.
- FERREIRA, M. C. R. Interação entre fatores biológicos, sócio-econômicos e culturais no desenvolvimento mental e desempenho escolar da criança desnutrida. Cad. Pesq. São Paulo (29): 37-46, jun. 1979.
- FREITAS, H. C. L. Alfabetização e marginalização cultural: uma questão em debate. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo, 1980. /resumo 53-B.6. /Suplemento de Ciência e Cultura. V. 32 n.7 jul. 1980.
- GUAZELLI, E. A criança marginalizada e o atendimento pré-escolar. Porto Alegre, Globo, 1979. 141p.
- INSTITUTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DA S.F.E.C. Exercícios indicados de acordo com as falhas verificadas nos testes ABC. R. Ens. Porto Alegre, 4 (31): 8-9, 1955.
- KRAMER, S. Formação de recursos humanos em educação pre-escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo, 1980. / Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul. 1980.
- LACERDA, E. R. L. Determinantes sócio-econômicos do rendimento e do atraso escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo, 1980. /resumo 84-B.6. /Suplemento de Ciência e Cultura. V. 32. n.7 jul. 1980.
- LIMA, C. M. B. & LINARES, I. F. de M. Projeto Psicoeducacional para Atendimento as Deficiências de Aprendizagem. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo, 1980. /resumo 111 B.6./Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul. 1980.
- LINDGREN. H. C. & GUEDES, H. A. Status social, inteligência e rendimento educacional entre estudantes de escolas primárias e secundárias, em São Paulo - Brasil. Pesq. e Planej. São Paulo, 9: 81-9, jun. 1965.
- LOURENÇO FILHO, M. B. Maturação e aprendizagem da leitura e da escrita. Arq. bras. Psic. apl. Rio de Janeiro. 23 (3): 55-61, jul/set. 1971.
- \_\_\_\_\_. Testes ABC; para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita. 12ed. com material de aplicação. São Paulo, Melhoramentos, 1974. 200p.
- MACEDO, E. N. Nutrição, nível sócio-econômico e desenvolvimento cognitivos de pré-escolares em Aracajú. Cad. Pesq. São Paulo, (29): 87-96, jun. 1979.
- MARINHO. Da influência do jardim de infância na promoção da primeira série. R. Bras. Est. Pedag. Rio de Janeiro, 31 (73): 3-8, Jan/mar. 1959.

- MARINS FILHO, L. A. et alii. Os Centros de Conveniência de Pré-escolar - CECOPE - uma nova alternativa em educação: a experiência de Sorocaba. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo, 1980. /Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul. 1980. /resumo 85-B.6./
- MOSQUERA, J. J. M. O menor carenciado e a educação. Educ. e Real. Porto Alegre, (2): 7-16, mai. 1977.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Departamento de 1º Grau. Currículo, 4 (38): 1-170, 1978.
- PAVÃO, M. Análise estatística dos Testes ABC aplicados em Curitiba. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1954./ Tese de Livre Docência - Cadeira de Estatística Educacional - UFPr./
- \_\_\_\_\_. Contribuição estatística ao estudo da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita. Boletim da Universidade do Paraná ; estatística. Curitiba, (1): 1-52, 1962.
- \_\_\_\_\_. Análise da influência do "status" sócio-econômico no desenvolvimento da inteligência e da prontidão. Curitiba, Universidade Federal do Paraná - Setor de Educação, 1976. 11p./mimeografado/.
- PINHEIRO, L. M. Por que tanta repetência na 1a. série? R. bras. Est. Pedag. Rio de Janeiro, 55 (122): 242-53, abr/jun. 1971.
- POPPOVIC, A. M. Influência da aprendizagem pré-primária, sobre o grau de maturidade e prontidão para alfabetização. R. Psic. Normal e Patológica, São Paulo, 10 (3/4): 289-93, jul/dez. 1964 (a)
- \_\_\_\_\_. Uma experiência com um teste coletivo de prontidão para a aprendizagem da leitura. R. Psic. Normal Patol. São Paulo, 10 (3/4): 325-31, jul/dez. 1964 (b)
- \_\_\_\_\_. Estudos sobre a validade do Teste Metropolitano de Prontidão R. Psic. Normal e Patológica. São Paulo. 11 (1/3): 5-19, (jan/set. 1965.
- \_\_\_\_\_. Problemas da aprendizagem da leitura. B. Psicol. São Paulo, 18/19 (51/54): 43-8, jan/dez. 1966/1967.
- \_\_\_\_\_. Alfabetização: uma problema interdisciplinar. Cad. Pesq. São Paulo, (2): 1-43, nov. 1971.
- \_\_\_\_\_. Fatores ambientais, classe social e realização escolar na marginalização cultural. Cad. Pesq. São Paulo. (6): 25-30. dez. 1972.
- \_\_\_\_\_. Programa Alfa: um currículo de orientação cognitiva para as primeiras séries do 1º Grau inclusive crianças culturalmente marginalizadas visando ao processo ensino-aprendizagem. Cad. Pesq. São Paulo. (21): 41-6, jun. 1977.
- POPPOVIC, A. M.; CAMPOS M. M. M.; ESPÓSITO, Y. L. Marginalização cultural: subsídios para um currículo pré-escolar. Cad. Pesq. São Paulo. (14): 7-73. set. 1975.

- RAPHAEL, M. J. D. Influência das condições pessoais dos alunos e das metodologias usadas no rendimento de leitura, em crianças da primeira série do primeiro grau. Rio de Janeiro, 1978. /Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/.
- ROCHA, Z. & LINS, I. Sobre a importância dos "Testes ABC" no estudo das dislexias. Arq. bras. Psicot. São Paulo. 17 (4): 107-13. out / dez. 1965.
- SÁ, M. I. de. Educação pré-escolar e rendimento de crianças nas séries iniciais da escola de primeiro Grau. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo. 1980. /resumo 27-B.6. /Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul. 1980.
- SALAS, F. C. El origen social de los estudiantes condiciona su éxito académico? R. Educ. Madr, 18 (69): 117-26, 1972.
- SANTOS, L. M. Ciência cultural e capacidade básica. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 32. Rio de Janeiro, 1980. Resumos. São Paulo. 1980. /resumos 95-B.6./Suplemento de Ciência e Cultura. V.32 n.7 jul. 1980.
- SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. PLANEDI - Plano de Educação Infantil; Documento básico, São Paulo, 1976.
- XAVIER, M. L. M. Nível sócio-econômico, índice de motivação para realização e rendimento escolar: um estudo de uma escola pública de Porto Alegre. Porto Alegre, 1977. /Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- WITTER, G. P. et alii. Privação Cultural: instrução programada. São Paulo, Vetor, 1971.

A N E X O 1

I N S T R U M E N T O S

Questionário de atividades domiciliares que  
favorecem a prontidão para leitura e escrita

- Questionário I -

Curitiba, de

de 1966.

Prezados pais.

Seu filho(a), que está matriculado(a) na 1ª. série desta escola foi escolhido(a) para fazer parte de uma pesquisa que estamos realizando, sobre atividades que ele(a) faz durante as horas que passa em casa. Este estudo faz parte de uma dissertação de mestrado em Educação, da Universidade Federal do Paraná, sobre pré-escolar.

Para que a pesquisa seja realizada pedimos sua valiosa colaboração. Necessitamos que o senhor(a) leia com atenção e responda da melhor maneira possível o questionário que virá a seguir. Como o senhor(a) poderá ver, com exceção de apenas uma, todas as demais respostas serão dadas com a simples marcação de um "x" ou colocando um número dentro do quadrinho que se encontra ao lado ou abaixo de cada pergunta.


Adiantamos-lhe que o questionário é anônimo e as respostas somente serão usadas para a tese acima citada. Agradecemos sua importante colaboração não deixando de responder a nenhuma pergunta pois somente com seu auxílio poderemos continuar a pesquisa.

Atenciosamente

Profa. Maria Inês Mamami Felixoto  
mestranda em Educação  
Universidade Federal do Paraná



- 3) Colorir figuras ou preenchê-las usando lápis ou caneta?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 4) Consertar com cola figuras rasgadas ou louça quebrada?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 5) Desenhar por cima de gravuras em livros de estória, jornais ou revistas em quadrinhos?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 6) Apontar e dizer o nome de partes do corpo?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 7) Indicar e dizer "de cor" o nome das peças de roupa tais como camiseta, blusa, calça, casaco, etc.?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 8) Dizer quem são os donos de peças de roupa que estejam no armário, na cesta ou no varal de roupas, por exemplo?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 9a) Imitar gestos de artistas de televisão, irmãos, pais, amigos ou qualquer pessoa?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 9b) Imitar a pose de animais como gatos, cachorros, patos, etc.?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 10) Imitar outra pessoa acompanhando seus movimentos de braços e pernas (Brincar de "seguir o chefe", por exemplo)?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 11) Seguir com movimento dos olhos (e cabeça) o movimento de objetos como por exemplo carros, aviões, fogos de artifício, pêndulo de relógio, etc.?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 12) Passar o(s) dedo(s) sobre gravuras de qualquer tipo, seguindo as linhas?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 13) Num grupo de crianças ou adultos, brincar de repetir uma palavra ou uma sentença de palavras, como por exemplo a brincadeira do "telefone sem fio"?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 14) Dizer o nome de tios, avôs, irmãos, vizinhos, amiguinhos, ou de qualquer pessoa conhecida?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 15) Contar estórias?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não

- 16) Fazer teatrinho?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 17) Contar o que aconteceu na escola, na vizinhança, ou de que brincou durante o dia? O que ouviu pessoas ou amiguinhos contar?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 18) Contar histórias ou fatos mostrando, com gestos e movimentos de corpo, braços, pernas, etc. o que as pessoas ou personagens fizeram?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 19) Repetir, quando alguém pede, palavras ou ordens curtas ditas por outra pessoa, como por exemplo: "não posso mexer no doce" ou "tenho de cuidar do meu carrinho (ou boneca)", etc.?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 20) Repetir, a pedido de alguém, palavras compridas às quais a criança não esteja acostumada, como por exemplo: maldouro, paralelogramo, familiaridade, etc.?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 21) Recortar gravuras de revistas ou jornais velhos?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 22) Fazer desenho de cobras, ruas, ondas de rio ou mar ou qualquer outro desenho que tenha linhas onduladas como esta:   
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 23) Copiar fileiras de figuras iguais como por exemplo o desenho de uma cerca ou de patinhos numa lagoa, ou seqüências como estas:  
 △△△ □□□□  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 24) Encher figuras com pontinhos ou cruces, como por exemplo, preencher roupas de bonecos ou animais?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 25) Enfiar contas de madeira, plástico ou qualquer material em barbante, fio ou arame?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 26) Desenhar bolinhas, pontinhos ou cruzinhas sobre uma linha reta ou dentro de quadrinhos?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 27) Enfiar cordões de sapato da maneira certa?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não
- 27b) Brincar de alinhar ou bordar?  
 Sim, muito  Sim, às vezes  Não

i) Na sua opinião, quantas das 27 atividades ou brincadeiras acima apontadas são importantes para o desenvolvimento de seu filho?

Todas

A maioria

Algumas

Nenhuma

j) No caso de achar que as atividades sejam importantes, coloque um "x" no quadro ao lado da resposta que melhor explicar sua opinião:

porque são passatempo para meu filho(a).

porque meu filho(a) gosta de realizá-las.

porque preparam meu filho(a) para aprender a ler e escrever.

porque mantêm meu filho(a) quieto, acomodado(a)

Questionário de atividades escolares que favorecem  
a prontidão para leitura e escrita

- Questionário II -

Curitiba, de de 1980.

Prezada professora,

Estamos realizando uma pesquisa sobre atividades realizadas nas classes de pré-escolarização da rede estadual de ensino. Este estudo é parte integrante de uma dissertação de Mestrado em Educação da UFPR. Para que a pesquisa seja realizada contamos com sua colaboração, que consistirá em responder o questionário anexo, da melhor forma possível. Pedimos igualmente a gentileza de respondê-lo até / / , quando uma pessoa ligada à pesquisa deverá recolhê-lo em sua escola, no horário de aula.

Adiantamos-lhe que o questionário é anônimo e as respostas somente serão usadas para a dissertação em questão. Agradecemos desde já sua importante e imprescindível colaboração não deixando de responder a nenhuma das questões. Sem o seu auxílio será impossível dar andamento à pesquisa.

Atenciosamente

Professora Maria Inês Hamann Peixoto  
Mestranda em Educação  
Universidade Federal do Paraná

A) Favor responder colocando um "x", ou o dado pedido, dentro do quadrinho correspondente.

a) Idade  Sexo: Masculino   
Feminino

b) Há quanto tempo trabalha com pré-escolar?

menos de 1 ano

entre 1 e 2 anos

entre 2 e 3 anos

mais de 3 anos

c) Fez curso de especialização em pré-escolar?

Sim

Não

d) Caso você se empenhe para que as crianças de sua classe realizem, de modo específico ou como parte de outra atividade mais ampla, qualquer atividade que envolva as abaixo relacionadas, assinale com um "x" o quadrinho correspondente à frequência aproximada com que tal atividade é desenvolvida:

ATIVIDADE	FREQUÊNCIA			
	muitas vezes	às vezes	poucas vezes	raramente
1 Encaixar figuras geométricas (planas ou não)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 Desenhar figuras geométricas por dentro de encaixos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 Alinhavar sobre figuras em cartão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 Completar figuras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 Contornar e colorir formas com lápis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 Brincar de "Jogo da memória" com gravuras ou objetos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 Localizar e verbalizar partes do corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 Estabelecer correspondência entre palavras ditas pela professora e as respectivas gravuras ou objetos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 Imitar movimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 Scurir com os olhos movimentos de objetos e/ou fechos de luz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- |    |  |                          |                          |                          |                          |
|----|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 11 | Retraçar o caminho feito por carrinhos sobre a mesa ou chão  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12 | Passar o dedo sobre letras em gravuras, lixa ou outro material   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13 | Realizar jogos de memória auditiva como por exemplo "telefone sem fio"                                     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14 | Repetir oralmente frases curtas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15 | Reproduzir nomes de personagens de histórias recém-ouvidas   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16 | Contar histórias   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17 | Reproduzir histórias conhecidas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18 | Dramatizar histórias ou fatos ocorridos no dia-a-dia   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19 | Relatar fatos do cotidiano   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20 | Exercitar a dicção de palavras relativamente complexas   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 21 | Reproduzir oralmente palavras longas   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22 | Traçar linhas onduladas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 23 | Copiar seqüências de formas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 24 | Traçar linhas dobradas   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 25 | Recortar figuras   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 26 | Traçar linhas dentro de quadriculas, em papel quadriculado   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 27 | Traçar cruces sobre linha horizontal   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 28 | Preencher figuras pontilhadas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 29 | Traçar seqüências de pontos e cruces dentro de quadriculas   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 30 | Enfiar contas pequenas e canudinhos ou outro material em cordel ou fio, seguindo uma seqüência determinada | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 31 | Fazer "picado" (com punção), de linhas ou silhuetas  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

ANEXO 2

DADOS DESCRITIVOS DOS PAIS DOS SUJEITOS

Quadro 1 - Caracterização da amostra de pais de nível sócio-econômico baixo, segundo as profissões.

Profissão	Pai		Mãe	
	f	%	f	%
pedreiro	4	14,8	-	-
motorista	3	11,2	-	-
mecânico	2	7,4	-	-
carpinteiro	2	7,4	-	-
bancário	2	7,4	-	-
encanador	1	3,7	-	-
ascensorista	1	3,7	-	-
servente	1	3,7	1	3,7
borracheiro	1	3,7	-	-
comerciário	1	3,7	-	-
maquinista	1	3,7	-	-
mestre-de-obra	1	3,7	-	-
operário	1	3,7	-	-
soldado polícia civil	1	3,7	-	-
soldador	1	3,7	-	-
pintor	1	3,7	-	-
metalúrgico	1	3,7	-	-
eletricista	1	3,7	-	-
aposentado	1	3,7	-	-
do lar	-	-	19	70,4
costureira	-	-	2	7,4
doméstica	-	-	2	7,4
lavadeira	-	-	1	3,7
vendedora	-	-	1	3,7
desconhecida	-	-	1	3,7
Total	27	100,0	27	100,0

Quadro 2 - Caracterização da amostra de pais de nível sócio-econômico baixo, segundo o grau de instrução.

Grau de Instrução	Pai		Mãe	
	f	%	f	%
superior	-	-	-	-
superior incompleto	-	-	-	-
2º Grau	-	-	-	-
2º Grau incompleto	-	-	-	-
1º Grau	3	11,1	5	18,5
1º Grau incompleto	22	81,5	20	74,1
analfabeto	2	7,4	2	7,4
Total	27	100,0	27	100,0

Quadro 3 - Caracterização da amostra de pais de nível sócio-econômico alto, segundo as profissões.

Profissão	Pai		Mãe	
	f	%	f	%
funcionário público	6	19,3	3	9,7
comerciante	4	12,9	2	6,5
ourives	2	6,5	-	-
viajante	2	6,5	-	-
dono de marcenaria	2	6,5	-	-
mecanógrafo	1	3,2	-	-
admin. hospit,	1	3,2	-	-
bancário	1	3,2	-	-
assistente social	1	3,2	-	-
economiário	1	3,2	1	3,2
advogado	1	3,2	-	-
admin. de empresa	1	3,2	-	-
dono de funilaria	1	3,2	-	-
agente de telecom.	1	3,2	-	-
auditor	1	3,2	-	-
engenheiro mecânico	1	3,2	-	-
industrial	1	3,2	-	-
chacreiro	1	3,2	-	-
aposentado	2	6,5	-	-
do lar	-	-	21	67,8
instr. cirúrg.	-	-	1	3,2
professora	-	-	1	3,2
costureira	-	-	1	3,2
repcionista	-	-	1	3,2
Total	31	100,0	31	100,0

Quadro 4 - Caracterização da amostra de pais de nível sócio-econômico alto, segundo o grau de instrução.

Grau de Instrução	Pai		Mãe	
	f	%	f	%
superior	4	12,9	4	12,9
superior incompleto	7	22,6	-	-
2º Grau	9	29,0	6	19,4
2º Grau incompleto	2	6,5	1	3,2
1º Grau	5	16,1	9	29,0
1º Grau incompleto	4	12,9	11	35,5
analfabeto	-	-	-	-
Total	31	100,0	31	100,0

Quadro 5 - Distribuição da renda familiar da totalidade da amostra, segundo a faixa salarial e o nível sócio-econômico.

Faixas de renda familiar (em salário-mínimo -s.m.)	NSEb		NSEa	
	n	%	n	%
abaixo de 1 s.m.	3	8,3	-	-
de 1 a 2 s.m.	2	61,1	-	-
de 2,1 a 3 s.m.	11	30,6	-	-
de 8 a 8,9 s.m.	-	-	19	52,8
de 9 a 12,9 s.m.	-	-	9	25,0
13 s.m. ou acima	-	-	8	22,2
Total	36	100,0	36	100,0